

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Susana Milene Moreira de Oliveira

**Estudo de caso de Tecnologias de
Informação e Comunicação em Atividades
de Enriquecimento Curricular**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Susana Milene Moreira de Oliveira

Estudo de caso de Tecnologias de Informação e Comunicação em Atividades de Enriquecimento Curricular

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Informática

Trabalho realizado com a orientação do
Professor Doutor António J. Osório

julho de 2014

DECLARAÇÃO

Nome: Susana Milene Moreira de Oliveira

Endereço eletrónico: susana_milene@hotmail.com

Telefone: 966540132

Número do Cartão de Cidadão: 11529230

Título do relatório de estágio: Tecnologias de Informação e Comunicação em Atividades de Enriquecimento Curricular: Estudo de caso

Orientador: Professor Doutor António José Meneses Osório

Ano de conclusão: 2014

Mestrado em Ensino de Informática

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 31/07/2014

Assinatura:

Agradecimentos

Agradecer é a capacidade de reconhecer a importância que os outros tiveram na nossa vida e é estar certo de que esses outros marcaram a diferença de alguma forma. Por isso, é pensando nessas pessoas que escrevo esta secção deste relatório.

Começo por agradecer ao Professor Doutor António Osório pela sua total disponibilidade enquanto orientador de estágio e pelo apoio e esclarecimentos prestados no decurso do mesmo.

Ao Agrupamento de Escolas Figueira Mar, na pessoa do Doutor Pedro Curto, por ter autorizado a realização do meu estágio no agrupamento de escolas que dirige. Desse agrupamento, agradeço ainda ao Professor Aloísio Faria pela disponibilidade demonstrada em assumir o papel de professor cooperante do meu estágio colaborando de forma empenhada na execução da minha intervenção; às Professoras Fátima Costa e Rosa Carvalho pela dedicação, paciência e disponibilidade de colaboração demonstrada.

A todas as crianças e aos seus pais/encarregados de educação que colaboraram neste projeto.

A todas as pessoas que colaboraram para que a realização do meu estágio fosse possível.

À minha família, pai, mãe, irmão e cunhada, pelo apoio incondicional que demonstraram e por nunca me deixarem pronunciar a palavra desistir. É com orgulho que reconheço que sem eles, este projeto teria ficado incompleto. Sei que este projeto também é deles e que, neste momento, estarão tão ou mais orgulhosos do que eu.

Aos “meus” meninos, Martim, Tatiana, Lara e Gonçalo, pelo tempo não lhes pude dedicar em prol da concretização deste projeto.

Ao meu grupo restrito de amigos pelo apoio demonstrado, pelo seu tempo, pelas sugestões dadas, pelo tempo que dedicaram à revisão do texto e pelo apoio incondicional que demonstraram. Sem vocês teria sido muito mais difícil.

Por fim, mas não menos importante, um agradecimento especial aos meus companheiros desta caminhada, Rosa, Cristina e Pedro. Mais uma vez a vida me mostrou que nada acontece por acaso e que se nos encontrámos nesta fase das nossas vidas, é porque o apoio que tínhamos para dar uns aos outros seria fundamental para atingirmos os nossos objetivos pessoais. Sem vocês também não teria sido possível.

Resumo

Este relatório surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Informática, pela Universidade do Minho, e pretende ser um documento onde estão evidenciadas as vivências ocorridas durante o período de estágio bem como uma reflexão acerca das mesmas. O estágio decorreu no ano letivo 2013/2014, sob a orientação do Professor Dr. António Osório (Universidade do Minho), no Agrupamento de Escolas Figueira Mar, na Figueira da Foz, sendo o professor cooperante o Professor Aloísio Faria.

O tema geral escolhido foi “Tecnologias de Informação e Comunicação em Atividades de Enriquecimento Curricular: Estudo de caso” pois esta foi a área que, durante a fase de análise e conhecimento da escola e da sua realidade, se mostrou mais fragilizada quer pela desmotivação evidenciada pelos professores que as desenvolviam naquela altura, quer pela falta de recursos que, segundo esses mesmos professores, eram considerados limitadores da realização de um trabalho mais profícuo e, conseqüentemente, gratificante.

O estágio ocorreu em diversificadas vertentes pelo que considero ter sido uma experiência bastante enriquecedora tanto a nível profissional como a nível pessoal. Em contexto sala de aula, foram dinamizadas atividades no âmbito das Atividades Extra Curriculares com uma turma do 1.º e outra do 3.º ano de escolaridade. Ao nível do grupo disciplinar de Informática, foram desenvolvidas várias atividades para a comunidade escolar dinamizando assim o agrupamento e contribuindo desta forma para tornar a escola como um meio de inclusão e cooperação entre os vários elementos que dela fazem parte. Ocorreu também uma cooperação com a Biblioteca Escolar, onde foram dinamizadas atividades quer destinadas aos elementos da comunidade escolar em geral quer formações específicas para professores, como forma de contribuir para a ampliação da sua literacia digital.

Para melhor perceber a relação entre as AEC's e os professores que as lecionam, foram realizadas duas entrevistas a professores com uma vasta experiência profissional na área da educação, através das quais foi possível analisar os impactos que estas atividades têm quer em termos pedagógicos quer em termos pessoais.

Das experiências vivenciadas nos últimos meses posso afirmar que, se cada professor contribuir com os seus próprios conhecimentos e experiências, a escola será, com certeza, um espaço de enriquecimento pessoal e profissional para todos os elementos que a compõem.

Abstract

This report is part of the Master in Informatics Teaching, at the University of Minho, and aims to be a document in which I try to describe the experiences occurring during the probation period, as well as a reflection on them.

The training period took place during the school year 2013/2014, under the guidance of Professor António Osório (University of Minho), at the Group of Schools Figueira Mar, in Figueira da Foz, being the cooperating teacher, Professor Aloisio Faria.

The general theme was "Information Technologies and Communication Curriculum Enrichment Activities: Case Study" as this was the area that, during the analysis and understanding of the school and its reality, seemed more fragile due, on the one hand, to the unmotivated responsible teachers, and on the other hand, due to the available resources.

In my opinion, this period was a very enriching experience, both professionally and personally. In what concerns the classroom activities, they were developed with two different groups in the Extra Curricular Activities: one in the 1st grade, and another in the 3rd grade.

The Informatics group provided different activities to the school community contributing to a strong sense of inclusion and cooperation amongst the various elements that are part of it. In cooperation with the Library, there were also some activities designed to all the elements of the school community and others specifically created for teachers, as a way to develop their knowledge and their digital literacy.

To understand better the relationship between the Extra Curricular Activities and the teachers who are responsible for them, two interviews were conducted by teachers with extensive professional experience in education. This way, it was possible to analyze the impacts of those activities in pedagogical and personal terms.

Throughout this probation period and with the experiences of the last recent months, I may say that, with the contribution of each teacher's knowledge and experiences, school can be a place of personal and professional enrichment to all of its members.

Índice geral

Introdução	9
Capítulo 1 - Contextualização teórica	12
1.1 – AEC's - uma necessidade ou uma atividade supérflua	14
1.2 - As Tecnologias de Informação e Comunicação em ambiente escolar	16
1.3 - A motivação enquanto fator preponderante para um ensino de qualidade	18
Capítulo 2 - Contexto e plano geral da intervenção	21
2.1 - Objetivos gerais da intervenção	21
2.2 - Caracterização das turmas.....	21
2.3 - Estratégias de intervenção	22
Capítulo 3 - Desenvolvimento da intervenção.....	23
3.1 - Observação de aulas.....	23
3.2 - Aulas assistidas	27
3.3 - Atividades desenvolvidas no contexto geral da comunidade educativa	32
3.3.1 - Comemoração da Semana da Internet Segura.....	34
3.3.2 - Comemoração do dia cultural do agrupamento (4 de Abril de 2014).....	39
3.3.3 - Formação de professores – Wordle e Prezi	41
3.3.4 - Elaboração do <i>website</i> da turma do 1.º ano	46
3.4 - Reflexão sobre a função do professor nas Atividades de Enriquecimento Curricular	49
3.4.1 - Perfil dos entrevistados	50
3.4.2 - Síntese das entrevistas.....	51
3.4.3 - Análise das entrevistas.....	56
Capítulo 4 - Análise e discussão da intervenção.....	58
Capítulo 5 – Considerações finais	61
Anexos	67

Índice de figuras

Imagem 1 – Escola sede do Agrupamento Figueira Mar	24
Imagem 2 – Elaboração do jogo “Barómetro dos Sentimentos”	28
Imagem 3 – Dinamização do jogo “Barómetro dos sentimentos” em contexto sala de aula.....	29
Imagem 4 - Mapa que destaca a participação no “ <i>Safer Internet Day 2014</i> ” em todo o mundo	34
Imagem 5 – <i>Flyer</i> para divulgação das atividades da “Semana da internet mais segura”	35
Imagem 6 – Alunos em atividade na comemoração do Dia da Internet Mais Segura	38
Imagem 7 – Exemplo de tiras de banda desenhada afixadas na escola na Semana da Internet Mais Segura	38
Imagem 8 - Exemplo de uma das situações problema usadas na atividade “O que farias?”	39
Imagem 9 – Manual de apoio à formação em <i>Prezi</i>	42
Imagem 10 - Formandos na primeira sessão de formação em <i>Prezi</i>	43
Imagem 11 – Certificado de participação entregue aos formandos	45
Imagem 12 – <i>WebSite</i> da turma do 1.º ano da EB1 do Serrado.....	47
Imagem 13 – Informação para conhecimento da existência do <i>Website</i> da turma.....	48
Imagem 14 - Notícia de divulgação da ação de formação Ferramentas Web 2.0	61

Lista de siglas

AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular

BE – Biblioteca Escolar

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução

Este relatório surge no âmbito do estágio relativo ao Mestrado em Ensino de Informática e pretende ser, para além de um documento descritivo das tarefas desenvolvidas no decurso do mesmo, uma reflexão acerca do papel do professor de informática no âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC).

Num momento em que pais, encarregados de educação, professores e alunos colocam em causa a escola e o papel que a mesma desempenha na sociedade atual, importa refletir acerca desta temática.

O tema principal deste relatório, que consiste em compreender qual o papel que um professor de informática poderá ter nas AEC, foi escolhido numa tentativa de procurar entender de que forma um professor de informática poderá contribuir para o sucesso escolar dos alunos a frequentar o 1.º ciclo do Ensino Básico e, tendo em vista esse mesmo sucesso, que tipo de trabalho poderá ser desenvolvido com estes alunos. Considerei que poderia ser interessante abordar este tema já que poderia ser uma forma de enriquecer a minha experiência profissional que, com estas faixas etárias, era nula. Para além disso, poderia ser também uma forma de procurar contribuir para ajudar, no desempenho desta nova função, os professores que lecionam nas AEC.

O meu estágio decorreu na Escola Básica 1 do Castelo, escola essa que passou a integrar o Agrupamento de Escolas Figueira Mar no ano letivo 2013/2014 (anteriormente fazia parte do Agrupamento de Escolas de Buarcos). A escola funciona num edifício de dois pisos, situada no centro de Buarcos, vila piscatória.

Da reunião inicial com o orientador cooperante, Professor Aloisio Faria, no intuito de encontrar uma intervenção da minha parte que pudesse de facto ser uma mais-valia para o agrupamento e pudesse, de alguma forma, contribuir para o sucesso dos alunos com quem iria desenvolver o meu trabalho, concluiu-se que o agrupamento tinha necessidade de intervenção numa área muito particular: Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas AEC, ou seja, ao nível do 1.º ciclo. Fiquei desde logo agradada com a ideia de desenvolver o meu estágio com crianças. Para além de ser uma área com interesse a nível pessoal, em termos profissionais, mesmo não possuindo qualquer experiência, considerei que poderia ser uma intervenção bastante enriquecedora.

Tendo em consideração o disposto no artigo 7º do Despacho n.º 9265-B/2013 onde se lê que "consideram-se AEC no 1.º ciclo do ensino básico as atividades educativas e formativas que incidam na aprendizagem da língua inglesa ou de outras línguas estrangeiras e nos domínios desportivo, artístico, científico, técnico e das tecnologias da informação e comunicação, de ligação da escola com o meio e de educação para a cidadania" (MEC, 2013), o Agrupamento de Escolas Figueira Mar optou por disponibilizar aos seus alunos do 1.º ciclo AEC na área das TIC.

O contacto entre as crianças e as TIC poderá ser um tema algo controverso pelo que será importante, hoje em dia, refletir acerca da importância das novas tecnologias na vida das crianças. Como referiu Prensky há alguns anos atrás, as novas gerações são vistas como verdadeiros "nativos digitais" já que nasceram rodeados de novas tecnologias, ou seja, são todos "falantes nativos" da linguagem digital dos computadores, dos jogos e da internet (Prensky, 2001). É por este facto que a introdução das novas tecnologias em contexto sala de aula se faz tendencialmente cada vez mais cedo. É importante dotar as crianças, não só da capacidade de usar os recursos que têm à sua volta, o que parece quase inato, mas também de as exercitar no sentido de saberem usufruir desses recursos para seu benefício.

Ainda segundo Prensky, numa reflexão mais recente, ele refere que, sendo a sabedoria um conjunto de questões importantes para se chegar a uma sentença ou decisão, podemos defini-la como sendo a capacidade de encontrar soluções práticas, criativas, contextualmente apropriadas e emocionalmente satisfatórias para resolver problemas humanos complexos (Prensky, 2009, p. 3). Ora, desta forma, faz todo o sentido que se coloquem as novas tecnologias ao serviço da educação e, conseqüentemente, ao serviço das crianças enquanto ferramenta de trabalho para ampliar os horizontes da sua sabedoria. O pensamento e a sabedoria tornaram-se, hoje em dia, uma simbiose entre o cérebro humano e as ferramentas digitais (Prensky, 2009, p. 7).

Dando como exemplo o caso concreto da internet, mais importante do que ensinar as crianças a pesquisar informação é dotá-las da capacidade de selecionar essa informação e conseguir usá-la de forma profícua no seu dia-a-dia contribuindo de forma efetiva para o seu desenvolvimento. Neste sentido, e como refere Coll "a aprendizagem contribui para o desenvolvimento na medida em que aprender não é copiar ou reproduzir a realidade, (...) aprendemos quando somos capazes de elaborar uma representação pessoal sobre um objeto da realidade ou conteúdo que pretendemos aprender" (Coll e Marim, 2001).

É neste sentido que considero muito relevante o trabalho que é desenvolvido nas AEC e por isso, assumi este projeto de intervenção como sendo um trabalho sério e capaz de promover nas crianças a capacidade de usar as tecnologias ao seu redor de forma proveitosa para o seu efetivo desenvolvimento tecnológico e intelectual. Tal como é referido no Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal "a educação-formação para a Sociedade de Informação necessita ser fortemente dinamizada e as novas tecnologias devem ser levadas a todos os níveis de ensino de um modo sustentado" (Livro Verde para a Sociedade da Informação. Missão para a Sociedade de Informação, 1997).

Limitar o estágio apenas à intervenção em sala de aula, foi desde logo uma ideia posta de parte. Acreditando que a escola vai muito além do trabalho que é desenvolvido em sala de aula, procurei outras áreas de intervenção em parceria com o grupo disciplinar de Informática e a Biblioteca Escolar. Neste sentido, surgiram diversas atividades nas quais participei/dinamizei num espírito de trabalho colaborativo entre uma comunidade de professores, cujo objetivo comum é a dinamização de uma escola com vista à melhoria da qualidade da educação dos nossos alunos bem como fazer da escola um espaço onde todos se sintam integrados.

Com os olhos postos no futuro, e consciente do potencial e dos benefícios que as novas tecnologias podem trazer para o ambiente escolar, cabe a cada um de nós, enquanto professores da área de informática, contribuir para trazer os nossos colegas, alunos, pais/encarregados de educação e restante comunidade escolar para a sabedoria digital do século XXI (Prensky, 2009, p. 8).

Além desta introdução, este relatório está organizado em cinco secções: contextualização teórica, contexto e plano geral de intervenção, desenvolvimento da intervenção, análise e discussão da intervenção e considerações finais.

Na contextualização teórica está refletida a opinião de vários autores, com base em estudos realizados, acerca da importância das Atividades de Enriquecimento Curricular bem como do trabalho desenvolvido nas mesmas. Consta ainda de uma revisão bibliográfica acerca da introdução das TIC em ambiente escolar e dos impactos que as mesmas podem ter no processo ensino/aprendizagem. E como num processo de mudança, em que se introduz uma nova ferramenta para a sala de aula, o papel do professor assume uma importância fundamental, é apresentado um estudo onde se evidencia a motivação como fator preponderante para um

ensino de qualidade. De seguida, na secção relativa ao contexto e plano geral de intervenção, são evidenciados os objetivos gerais da intervenção, é apresentada a caracterização do Agrupamento e das turmas e são descritas as estratégias de intervenção.

Já na secção relativa ao desenvolvimento da intervenção é feita uma reflexão acerca da importância da fase de observação de aulas e das vantagens que a mesma tem no processo ensino/aprendizagem; são descritas as aulas assistidas bem como apresentada uma reflexão individual relativamente a cada uma delas; são enumeradas as atividades desenvolvidas no contexto geral da comunidade educativa e por fim, é apresentada uma reflexão sobre a função do professor nas AEC's, reflexão essa efetuada com base em duas entrevistas realizadas a professores em exercício desta função.

Finalmente, na secção relativa às considerações finais, é apresentada uma análise reflexiva do trabalho desenvolvido no decurso do estágio bem como do papel que as novas tecnologias assumem hoje em dia no contexto sala de aula. É apresentada ainda uma reflexão acerca do contributo que um professor poderá ter na dinamização de uma escola e o impacto que tal contributo poderá ter nos alunos.

Capítulo 1 - Contextualização teórica

Hoje em dia, muito se debatem as questões económicas do país, a situação financeira das famílias bem como o futuro dos nossos jovens. Será então importante refletir acerca do papel que a escola assume perante estas temáticas. Terá a escola impactos ao nível da economia de um país e no futuro dos jovens que a frequentam? Certamente que sim.

O sucesso da educação é um fator primordial para o fomento da economia de um país, “especialmente para os países pequenos, o sucesso depende completamente da capacidade de levar o potencial da sua população ao máximo” (Castells & Cardoso, 2005).

Nesta perspetiva, é fundamental refletir acerca da importância da escola e de todas as atividades que nela se inserem bem como do papel que o professor pode ou deve assumir relativamente às mesmas já que “o processo de aprendizagem ou aquisição de um conhecimento novo somente ocorrerá com a participação pessoal do aluno, bem como do professor, que deverá orientar todo o processo de busca e aquisição de conhecimento” (Oliveira & Porrozi, 2009, p. 53). Neste

sentido, importa perceber qual o papel de cada um dos intervenientes no processo ensino/aprendizagem assume.

Dentro do potencial que o relacionamento entre as crianças e as TIC podem ter, Seymour Papert desenvolveu importantes trabalhos com Piaget desenvolvendo trabalho na área do pensamento e na forma como as crianças se tornam seres pensantes. Na sequência deste trabalho, Papert desenvolveu posteriormente uma linguagem computacional cujo objetivo era fundamentalmente que as crianças pudessem aprender a usar o computador e que essa aprendizagem pudesse mudar a maneira como elas vêem os objetos. Considera o autor que a interação de uma criança na construção de, por exemplo, um círculo, através de um sistema informático, coloca a criança em contato com todo um conjunto de ideias que estão na base dos cálculos necessários para a construção do objeto em causa (Papert, 1980, p. 66). Esta interação permite que a criança possa fazer a sua própria representação/interpretação dos objetos o que contribui para a aquisição/consolidação de conceitos. Tal como salienta Valente “incluir no processo de aprendizagem o sentido de aprender a pensar e a refletir é um objetivo que tem que ser realizado nos contextos do século XXI, sob pena de perpetuarmos uma escola que traumatiza as crianças porque as obriga a deixarem de aprender para se deixarem ensinar” (Valente, 2011, p. 6).

Na linguagem LOGO, não são dadas respostas, os alunos são incentivados a utilizar os seus próprios corpos para encontrarem uma solução. Retomando o exemplo do círculo, a criança começa a andar em círculos e descobre como o pode fazer, indo um pouco para frente e virando um pouco, indo para a frente um pouco e virando um pouco (Papert, 1980, p. 206). A partir desta constatação a criança pode depois introduzir os comandos no programa e construir o círculo. Desta forma, a criança adquiriu o conceito associado à construção da figura geométrica em causa tendo feito a sua própria apropriação de conceitos. Este é um exemplo concreto de como o recurso às novas tecnologias pode ter impactos significativos no processo ensino/aprendizagem. Recorrer às novas tecnologias para estimular o raciocínio terá com certeza impactos a longo prazo nas estruturas mentais, pois, tal como refere Valente, “com o progresso tecnológico, conquistamos poderes diabólicos ou deíficos que nos permitem co-criar a nossa própria realidade e aumentá-la, interferir nas dimensões da nossa experiência e criar o nosso próprio significado das coisas.” (Valente, 2011, p. 67)

No reforço desta ideia de que o processo ensino/aprendizagem se deve basear no concreto e não no abstrato, Ausubel refere que “a essência do processo de aprendizagem significativa é que ideias simbolicamente expressas sejam relacionadas, de maneira substantiva (não-literal) e não-arbitrária, ao que o aprendiz já sabe, ou seja, a algum aspeto de sua estrutura cognitiva especificamente relevante que pode ser, por exemplo, uma imagem, um símbolo, um conceito ou uma proposição já significativa” (Ausubel, Novak, & Hanesian, 1980, p. 34). Tal como mencionam Oliveira e Porrozi “o ensino não é o repasse da informação, o aprendiz exige uma adaptação e reconstrução das informações recebidas no âmbito dos conhecimentos já consolidados” (Oliveira & Porrozi, 2009, p. 53).

Dentro do âmbito da minha intervenção pedagógica, importa refletir mais concretamente na questão das TIC enquanto atividade de enriquecimento curricular e nos impactos que essas atividades têm na vida das crianças.

1.1 – AEC - uma necessidade ou uma atividade supérflua?

Muitas são as opiniões emitidas acerca das AEC's, dos impactos que as mesmas têm nas crianças e na pertinência da sua existência. Uns consideram estas atividades como uma forma de desenvolver nas crianças competências extracurriculares, outros julgam ser apenas uma forma de ocupar o tempo das crianças já que os pais/encarregados de educação estão ocupados com outras tarefas, outros ainda afirmam ser uma forma de ocupar os professores para que o seu posto de trabalhos seja assegurado.

As atividades de complemento curricular ou extracurriculares têm por objetivo auxiliar no desenvolvimento saudável e na educação e formação das crianças e adolescentes surgiram devido à necessidade de manter as crianças e jovens ocupados após o horário letivo. Uma vez que os pais/encarregados de educação têm cada vez mais necessidade de trabalhar até mais tarde, houve a necessidade de pensar em alternativas para ocupar o tempo das crianças.

Tendo em conta esta diversidade de opiniões, convém fazer uma reflexão acerca desta temática, no sentido de melhor se perceber se de facto as AEC's são uma necessidade ou uma atividade perfeitamente supérflua, procurando entender os pontos de vista dos vários intervenientes neste processo, nomeadamente as crianças, os pais/encarregados de educação e os professores.

Maria José Araújo é investigadora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Universidade do Porto, e escreveu um livro onde foca o conceito de escola a tempo inteiro e das AEC's. Este livro trouxe para o debate público aquilo que a autora considera como “trabalho infantil” e que, segundo a mesma, vai para além do tempo escolar (Araújo, 2009).

Do estudo realizado a investigadora concluiu que as crianças em idade escolar possuem cada vez menos tempo efetivamente livre para brincarem e para se divertirem. Justifica esta situação com o facto de o tempo de que as crianças dispõem depois das aulas, ser hoje em dia como “apêndice do tempo escolar” (Araújo, 2009, p. 47). De facto, podemos afirmar que o direito e o prazer de brincar estão totalmente dependentes dos horários/tempos impostos pelos adultos.

É nesta questão que um professor das AEC's poderá marcar a sua diferença já que, uma vez que se trata de uma atividade inserida nas atividades extra curriculares, o professor poderá valorizar a cultura lúdica em detrimento da cultura escolar. Desta forma, poderá planificar as atividades que pretende desenvolver recorrendo a atividades lúdicas que possam estimular os alunos e, conseqüentemente, possa transmitir aos alunos a noção de que a brincar também se pode aprender. Tal como defende Maria Araújo, o tempo para a brincadeira não deve ser menosprezado pois brincar é um ato sério e fundamental para o desenvolvimento das crianças e elas “não brincam para aprender mas aprendem porque brincam” (Araújo, 2009, p. 15).

Numa tentativa de entender os vários pontos de vista inicialmente indicados, posso afirmar que uma vez que cabe ao professor a tarefa de definir a forma como desenvolverá as suas atividades em sala de aula, este deverá estar consciente de que a forma como as desenvolve terá repercussões importantes na perceção que pais/encarregados de educação e alunos terão das AEC's.

É com base nestes pressupostos que se pode considerar que as AEC's têm um elevado potencial pelo que não deverão ser encaradas como uma tarefa de mera ocupação dos tempos livres dos alunos mas sim uma forma de permitir que se desenvolvam competências relativamente ao uso das novas tecnologias.

1.2 - As Tecnologias de Informação e Comunicação em ambiente escolar

Tal como referem Oliveira e Porrozi “o ensino tradicional vem se modificando nas últimas décadas, por influência das novas tecnologias dirigidas à educação” por isso, estamos num momento em que o “conhecimento humano e tecnologia caminham juntos, o que proporcionará, num futuro próximo, o aparecimento de profissionais da mais alta capacitação nas diversas áreas do conhecimento.” (Oliveira & Porrozi, 2009, p. 51)

“Se nos apoiarmos nas nossas próprias observações e vivências, muito dificilmente podemos ignorar a atração de crianças e jovens pelos computadores, pelas consolas de jogos, pelos telemóveis e pelos dispositivos afins que nos proporcionam forma de acesso à informação ou que nos suportam diversas formas de entretenimento e de comunicação” (Osório, 2011, p. 19). Neste sentido talvez seja inútil questionar se haverá lugar para as TIC na vida das nossas crianças e, conseqüentemente, será igualmente inútil questionar a pertinência da existência das TIC no contexto escolar (Osório, 2011, p. 19).

Enquanto educadores, é importante termos consciência de que as novas tecnologias não são simplesmente uma nova forma de fazer coisas antigas. Devem ser encaradas, fundamentalmente, como uma forma de tornar os processos mais eficientes e capazes podendo assim rentabilizar o tempo de forma eficaz (Prensky, 2013).

No entanto, para além das vantagens em termos de eficácia e rentabilização do tempo, as TIC influenciam também não só o modo de aprender como a relação entre quem aprende e quem ensina. Apesar de as crianças terem crescido rodeadas de novas tecnologias e, por vezes, terem mais prática do que o próprio professor na utilização de alguns recursos, tal facto não deve ser inibidor da entrada das novas tecnologias na sala de aula, já que “o meio tecnológico usado numa aula não é o fundamental mas sim as novas atitudes que se promovem” (DAPP, 2002) ou seja, utilizar as TIC como forma de mudar hábitos de aprender e de desenvolver novas competências nos alunos deve ser uma prioridade e mesmo um desafio para todos os professores.

Desde há uns anos a esta parte que o Ministério da Educação tem vindo a demonstrar preocupação face à importância das novas tecnologias no sistema educacional português. No Decreto-lei nº6/2001 de 18 de janeiro pode-se ler no artigo 3.º que, enquanto princípio orientador, o recurso a tecnologias de informação e comunicação deve ser visto numa perspetiva

de “valorização da diversidade de metodologias e estratégias de ensino e atividades de aprendizagem (...) visando favorecer o desenvolvimento de competências numa perspetiva de formação ao longo da vida”. Ainda no mesmo documento, encontramos referências que reforçam a importância das tecnologias da informação, considerando-as mesmo como uma “formação transdisciplinar de carácter instrumental (...) a qual deverá conduzir, no âmbito da escolaridade obrigatória, a uma certificação da aquisição das competências básicas neste domínio”. As novas tecnologias assumem um papel de especial importância, paralelamente à língua e a outras áreas de grande relevância, já que podem estar presentes em todas as disciplinas e áreas disciplinares, bem como nas áreas curriculares não disciplinares.

Indo ao encontro do disposto nos vários normativos legais em vigor, em inúmeras escolas do nosso país, as Atividades Extra Curriculares incluem as TIC. Hoje em dia, o contacto das crianças com as novas tecnologias é uma questão indiscutível. Fundamental será o de introduzir as novas tecnologias na vida escolar das crianças enquanto fator facilitador das suas aprendizagens e enquanto processo impulsionador para a construção das mesmas. É neste aspeto que o papel do professor se faz sentir, na forma como consegue, ou não, incluir as novas tecnologias como forma de estreitar caminho entre as potencialidades que elas apresentam e as aprendizagens que pretende que os seus alunos adquiram. Cada professor deve assim estar consciente das novas experiências educativas que a área da informática pode proporcionar quer em contexto sala de aula, quer na consolidação de conhecimentos no trabalho extra escola.

Será também importante que cada professor entenda qual é o seu papel no processo ensino/aprendizagem. Há muito que o professor deveria ter deixado de ser um mero transmissor de conhecimentos passando sim a ser, um catalisador para a procura de conhecimentos, fomentando nos alunos a capacidade de seleção da informação que têm hoje em dia à sua disposição. Citando Miranda relativamente aos efeitos do uso das novas tecnologias em sala de aula, “os efeitos positivos só se verificam quando os professores acreditam e se empenham de corpo e alma na sua aprendizagem e domínio e desenvolvem atividades desafiadoras e criativas, que explorem ao máximo as possibilidades oferecidas pelas tecnologias” (Miranda, 2007, p. 44).

Pais/encarregados de educação e professores não devem excluir os jogos nem restringir o acesso das crianças à internet, mas trabalhar no sentido de promover a literacia digital das crianças, educando para o uso e acesso à Internet com alguma profundidade, explicitando e

explorando os benefícios da tecnologia mas também os seus riscos e desvantagens, no sentido de adquirir competências tecnológicas (Araújo, 2009, p. 140).

Mas para que esta mudança de mentalidade ocorra, cada professor deverá estar motivado para estas questões. Na maioria das situações, as questões motivacionais são apontadas aos alunos; no entanto, também a motivação do professor deve ser alvo de uma reflexão.

1.3 - A motivação enquanto fator preponderante para um ensino de qualidade

Facilmente encontramos professores que apresentam queixas relativamente ao fraco desempenho dos seus alunos, à indisciplina demonstrada, à falta de motivação e empenho nas tarefas propostas. Muitos são os casos em que um professor prepara uma aula com estratégias potencialmente motivadoras para os alunos que não vêm a produzir o efeito esperado quando aplicadas em sala de aula. Estas situações, quando recorrentes, são desmotivadoras para o professor o que podem ter efeitos desastrosos na qualidade do ensino.

Para uma correta abordagem a esta problemática, importa começar por perceber qual é a definição de motivação. No Dicionário de Língua Portuguesa, podemos encontrar que:

motivação *s. f.* ato de motivar; exposição de motivos; conjunto de fatores que determinam a conduta de alguém; processo que desencadeia uma atividade consciente; apresentação de um centro de estudo que visa despertar o interesse e mobilizar a atividade (Dicionário de Língua Portuguesa, 2013)

A motivação envolve fenómenos emocionais, biológicos e sociais e é um processo que está diretamente ligado ao cumprimento de objetivos. A motivação é o que faz com que cada indivíduo dê o melhor de si próprio em cada situação com que é confrontado.

Este é um tema muito estudado pela psicologia, na procura de tentar perceber o que faz com que as pessoas se comportem de uma determinada maneira e não de outra, de onde “sai” a motivação, e que impactos têm estas questões na vida prática.

No caso particular dos professores, cabe a cada um deles, enquanto profissionais competentes, procurarem estratégias diversificadas que se adequem à realidade da escola/turma/aluno. É

com certeza uma tarefa difícil, no entanto, tendo em conta que o professor é a principal fonte de motivação numa sala de aula, esta questão não pode ser descurada. Encontrar a motivação intrínseca para o ato de lecionar diz respeito, em 1.º lugar, ao professor enquanto pessoa, mas também à escola e à sociedade; podem em conjunto e devem reunir esforços no sentido de proporcionar condições para que tal aconteça.

Segundo um estudo realizado em 2012, no âmbito do projeto *TEL – Teachers Exercising Leadership*, coordenado pela professora Assunção Flores, do Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC) do Instituto de Educação da Universidade do Minho, percebe-se desde a sua primeira fase que a “motivação dos professores está em quebra, em contraciclo com o aumento da sua autoestima, empenho e confiança na profissão” (Costa, 2012). Nesse estudo, e em termos de resultados preliminares, a maioria dos inquiridos (61,6%) admite que, ao longo dos últimos três anos, diminuiu a sua motivação, o mesmo se passando com a realização profissional (44,5%) (Costa, 2012). Estes números são desde logo preocupantes já que influenciam o que se passa dentro das salas de aula com a consequente degradação na qualidade do ensino.

No caso particular da escola onde desenvolvi parte da minha intervenção, e que reflete um pouco do que se passa em outras escolas, os professores de TIC do agrupamento passaram a estar confrontados com uma nova realidade: lecionar aulas a alunos de uma faixa etária bastante baixa quando comparada com a dos alunos com que estavam habituados a trabalhar. O facto de os equipamentos informáticos existentes nas salas de aula onde decorrem as atividades serem escassos é igualmente uma questão que levanta algumas preocupações. Associado a este problema, os professores indicam ainda como fator dificultador desta tarefa a falta de materiais devidamente organizados por onde pudessem orientar as suas práticas pedagógicas. Com todas estas condicionantes, os professores tendem a considerar, logo à partida, que o trabalho que vão desenvolver pode não ter os resultados inicialmente previstos.

Desta forma, naturalmente que os níveis motivacionais deste grupo de professores não seriam, de uma forma geral, os desejados. Tal como refere Ana Maximiano no artigo que escreveu acerca da motivação dos professores, estes queixam-se, de uma forma geral, da “exaustão na execução da sua tarefa como educador, o que acarreta uma desmotivação e até endurecimento de afeto, por estes acharem que seu trabalho não vale a pena” (Maximiano, 2008).

Oliveira faz, no artigo que escreveu para a Revista *Senso Comum*, uma distinção interessante entre profissionalização e profissionalismo. Descreve a profissionalização como o conjunto de condições que um professor deve ter para o exercício da sua função em termos de vencimento adequado, recursos físicos e materiais para o desempenho da função, bem como o cuidado que cada professor deve ter na aquisição de formação adequada que lhe permita desenvolver competências e atitudes profissionais. Já o profissionalismo, descreve como estando relacionado com a dedicação, assiduidade, métodos de ensino, respeito e ética demonstrada por cada professor (Oliveira, 2009, p. 78). Esta questão de aliar a profissionalização ao profissionalismo é fundamental quando se trata da profissão docente. A função de um professor é de tal forma complexa e exigente que um professor não conseguirá desempenhar corretamente o seu papel se for alheio a alguma destas componentes.

A questão a motivação é fortemente condicionada tanto por questões ligadas à profissionalização como por questões ligadas ao profissionalismo, por isso é importante refletir acerca desta temática pois, claramente, a desmotivação do professor condiciona fortemente o seu papel na sala de aula comprometendo, conseqüentemente, a qualidade do ensino.

No momento social que atravessamos, o papel do professor há muito que extravasou o contexto sala de aula. Para além dessa tarefa assume muitas vezes também o papel de “assistente social” e “pai adotivo”, já que não existe na sociedade de hoje, uma família ideal, o pai e mãe trabalham fora e nem sempre moram na mesma casa, e os dois fatores levam à diminuição do tempo dedicado às crianças e, como consequência, à diminuição dos momentos de formação doméstica que se esperava que os alunos trouxessem enquanto educação de base (Maximiano, 2008, p. 6). Esta situação, aliada à carga burocrática exigida neste momento aos professores, são igualmente fatores que contribuem para sua desmotivação já que, nem sempre, o empenho/tempo/dedicação gasto com determinadas situações levam à obtenção dos resultados esperados.

Oliveira refere ainda no seu artigo que “apesar das adversidades, a escola não deve ser encarada como um lugar de martírio. O profissional de educação deve estar preparado para enfrentar essa realidade, para que os fatores negativos não venham a destruir as perspetivas cruciais da sua profissão, cujo objetivo principal é educar. Por esta razão, persistirá aquele que gosta do que faz” (Oliveira, 2009, p. 83).

Capítulo 2 - Contexto e plano geral da intervenção

2.1 - Objetivos gerais da intervenção

Após uma reflexão acerca de todas as constatações acima referidas, decidi orientar o meu projeto de intervenção no sentido de procurar criar condições facilitadoras no que diz respeito à lecionação das atividades a desenvolver com os alunos. De forma mais concreta, propus criar um conjunto de materiais, adaptados a estes alunos, que pudessem ser usados pelos professores nas AEC's.

Concretamente na turma do 1.º ano, no intuito de estimular a relação escola/família, e por sugestão da professora titular da turma, Dr.ª Paula Marques, foi elaborado um *website* da turma onde são divulgadas as atividades desenvolvidas por estes alunos.

Para além da intervenção a desenvolver em contexto sala de aula, foram também previstas atividades desenvolvidas no contexto geral da comunidade educativa cuja descrição será detalhada posteriormente neste relatório.

2.2 - Caracterização das turmas

As turmas envolvidas neste projeto foram uma turma do 1.º ano e uma turma do 3.º ano de escolaridade. Através da consulta dos respetivos Planos de Turma e de entrevistas realizadas com as respetivas professoras titulares, Dr.ª Paula Marques e Dr.ª Maria Simões, foi possível recolher os dados gerais dos alunos das turmas.

Segundo informações fornecidas pela Professora Dr.ª Paula Marques e constantes no Plano de Turma, relativamente à turma do 1.º ano, esta era composta por vinte e quatro alunos, três deles com necessidades educativas especiais. Um desses alunos estava permanentemente na sala de Autismo devido ao seu comportamento e necessidade constante de apoio; outro aluno estava integrado na sala de aula a acompanhar razoavelmente o grupo/turma, com apoio diário da professora de ensino especial e o terceiro aluno, que integrava também a turma, apresentava dificuldades de linguagem, atenção e concentração e alguns distúrbios do comportamento. Este aluno estava medicado e era acompanhado diariamente por uma tarefa durante 3 horas, usufruindo também de apoio da educação especial. Ao nível da atenção/concentração, indicou

que quase todos os alunos da turma conseguiam estar atentos durante períodos consideráveis de tempo e, apesar de alguns revelarem alguma imaturidade e falta de regras de saber estar, maioritariamente compreendiam e respeitavam as regras que lhe eram impostas. Ao nível da linguagem sabiam partilhar com os colegas as suas vivências do quotidiano. O nível cultural, social e económico era bom, excetuando dois ou três casos. Globalmente indicou que esta era uma turma relativamente homogénea e que apresentava algumas potencialidades.

No que diz respeito à turma do 3.º ano, segundo informações fornecidas pela Professora Dr.ª Maria Simões e contantes no Plano de Turma, esta era constituída por 17 alunos (11 meninas e 6 rapazes), com idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos. Vieram transferidos, uma aluna da Escola EB1 do Castelo (Buarcos) e outro da Escola EB1 de Torres Vedras. Na generalidade, todos os alunos eram assíduos. Relativamente à pontualidade, apenas uma aluna por vezes chegava atrasada, mas tinha vindo a melhorar a sua atitude neste aspeto. Maioritariamente os alunos acompanhavam os conteúdos programáticos, à exceção de quatro alunos que revelavam problemas de aprendizagem, entre os quais três beneficiavam de um Plano de Acompanhamento Pedagógico Individual e de apoio educativo e um de apoio de ensino especial, com Currículo Específico Individual, previsto no Decreto-Lei 3 de 2008, de 7 de janeiro (ME, Decreto-Lei nº3/2008 de 7 de janeiro, 2008). Relativamente às habilitações dos pais/encarregados de educação dos alunos, indicou que havia os que tinham apenas o 4.º ano, a maioria tinha o 9º ano e uma pequena minoria tinha o ensino superior. Salientou que alguns pais/encarregados de educação se encontravam numa situação de desemprego e com carências económicas. Na turma, 7 alunos tinham escalão A e 2 escalão B.

2.3 - Estratégias de intervenção

Com o objetivo de planear a minha intervenção comecei por fazer uma análise dos documentos oficiais que me foram disponibilizados. Analisei o Projeto Educativo do Agrupamento, a Planificação das AEC's bem como os Projetos Curriculares das Turmas que seriam alvo da minha intervenção.

Uma vez que os materiais a desenvolver pretendiam ainda promover o maior grau de interdisciplinaridade possível, auscultei as professoras titulares das turmas alvo da minha intervenção no sentido de procurar estabelecer uma relação coerente entre as AEC's e algumas

das matérias lecionadas pelas respetivas professoras. Também os dias dedicados a algum tema em particular foram, dentro do possível, articulados com as AEC's a desenvolver nesse dia (por exemplo a comemoração do Dia da árvore, o Dia da alimentação, etc...).

Paralelamente ao trabalho a desenvolver com as crianças no contexto sala de aula, foram dinamizadas atividades em parceria com a Biblioteca Escolar. A Biblioteca Escolar está a procurar inovar em termos tecnológicos tendo como objetivo “proporcionar a todos os elementos da comunidade educativa o acesso à informação e ao conhecimento” através da implementação/desenvolvimento de projetos que visam “facilitar a existência de aprendizagens diversificadas bem como o acesso a recursos documentais e tecnológicos complementares ao estudo em sala de aula” (Projeto Educativo 2009-2013 da Escola Secundária com 3º Ciclo Bernardino Machado). Nesse sentido, a biblioteca está a proceder à catalogação informática de todos os recursos existentes para que os mesmos possam ser facilmente requisitados, on-line, pelos elementos da comunidade escolar. Os professores responsáveis pela dinamização da Biblioteca Escolar promovem ainda atividades de articulação com as restantes escolas do agrupamento em várias áreas. Neste âmbito participei, entre outras atividades, na planificação e no desenvolvimento da atividade referente à "Semana da Internet Segura", elaborei vários folhetos informativos com o propósito de alertar a comunidade escolar para assuntos relacionados com a informática em geral, por exemplo, "Como proteger uma pen contra os vírus", "Conhecer as diferenças entre CD-ROM, CD-R, CD-RW e DVD's", entre outros.

Dinamizei ainda uma ação de formação para os professores do agrupamento com a temática “Apresentações Eletrónicas - *Prezi*”.

Todas estas atividades serão mais detalhadamente apresentadas e analisadas posteriormente neste relatório.

Capítulo 3 - Desenvolvimento da intervenção

Neste capítulo será apresentada a caracterização geral do contexto educativo onde a minha intervenção foi desenvolvida. Após a caracterização geral do Agrupamento, é apresentada uma descrição da fase de observação e das tarefas desenvolvidas no âmbito das aulas assistidas.

Ainda neste capítulo será apresentada uma descrição pormenorizada das atividades desenvolvidas no contexto geral da comunidade educativa, bem como uma reflexão acerca da função do professor nas Atividades de Enriquecimento Curricular.

O Agrupamento de Escolas Figueira Mar está situado no concelho da Figueira da Foz, distrito de Coimbra e a sua escola sede é a Escola Secundária c/3.ºCiclo Dr. Bernardino Machado.



Imagem 1 – Escola sede do Agrupamento Figueira Mar

Deste agrupamento fazem parte, para além da escola sede, a escola EB 2/3 Infante D. Pedro, o Centro Escolar de Vila Verde, 2 escolas básicas do 1.º ciclo (Escola Básica 1 do Castelo e Escola Básica 1 do Serrado) e 2 Jardins de Infância (Jardim de Infância da Serra da Boa Viagem e Jardim de Infância de Buarcos).

Recebeu alterações significativas no ano letivo 2004/2005, e é, neste momento, considerada uma boa oferta física quando comparada com as restantes escolas do 1.º ciclo que compõem o Agrupamento. Esta situação chega mesmo a ser salientada no relatório da Avaliação Externa das Escolas do agrupamento onde a Escola Básica 1 do Serrado estava integrada na altura, e onde se lê que as “unidades do Agrupamento visitadas (jardim-de-infância e escolas do 1.º ciclo de Buarcos e Lares) encontram-se bem conservadas, tendo as escolas sido objeto de obras de requalificação” (IGE, 2013).

3.1 - Observação de aulas

A observação de aulas e de todo o contexto envolvente decorreu maioritariamente durante o primeiro período letivo. Numa procura de diversificar a minha experiência no decurso do estágio,

¹ Fonte: <http://esdbmachado-m.ccems.pt/>

eu e o professor cooperante considerámos pertinente que eu acompanhasse mais do que uma turma de níveis diferentes. Assim, dei início à fase de observação de aulas numa turma do 1.º ano de escolaridade e outra do 3.º ano. Nestas faixas etárias a experiência de trabalhar com idades entre os 7 e os 8 anos e com idades entre os 9 e os 10 anos poderá ser muito diferente, por isso, seria com certeza uma mais-valia para o meu estágio.

A observação de aulas revelou-se não só pertinente como fundamental uma vez que permitiu um melhor conhecimento dos alunos com quem tive depois de trabalhar. Desta forma, as estratégias adotadas, bem como as metodologias de ensino a que recorri, puderam ser previamente pensadas e ajustadas ao tipo de alunos a quem se vieram a aplicar.

Das duas turmas alvo de observação, pude encontrar um ponto comum: os alunos encaram as AEC's não como uma "aula" mas como um espaço/tempo onde são exploradas atividades direcionadas para o uso das novas tecnologias. Consequentemente, encaram aquele espaço/tempo de forma mais descontraída, o que se reflete nos seus comportamento/atitudes nem sempre promotores de um bom ambiente de aprendizagem. Estas constatações levaram a que tivesse desde logo de refletir acerca do conceito de "brincar".

A questão do "brincar" em contexto escolar pode ser abordada não como um fator impeditivo das aprendizagens mas como uma mais-valia que poderá contribuir enquanto fator facilitador das mesmas. Ao brincar, a criança cresce, desenvolve a criatividade e aprende a relacionar-se com os outros, conceitos estes que dificilmente poderão ser transmitidos de forma teórica numa sala de aula. Tal como refere Paula Correia, a brincadeira "leva a criança a expressar os seus instintos e as suas vontades, e dessa forma, serve como elemento estimulante e de orientação que, se bem usado, auxilia no desenvolvimento oportuno da inteligência, fazendo, desta forma, com que sejam aclaradas as emoções e os seus desejos ao nível individual e social" (Correia, 2012).

Aliar a brincadeira ao uso das novas tecnologias em contexto escolar enquanto recursos instrumentais e pedagógicos, permite a promoção de "aprendizagens significativas tanto nas escolas como no meio familiar. Estes recursos digitais, quando usados e explorados, podem ser um meio facilitador para promover as multiliteracias em crianças" (Teixeira, 2013, p. 2).

Pude igualmente perceber no decurso da fase de observação de aulas que, tendo em conta não só os objetivos gerais das AEC's como também o tipo de alunos que integravam cada um dos

grupos com quem iria intervir, que pequenas tarefas diversificadas produziam melhor efeito nos alunos do que uma só tarefa que os ocupasse na maior parte do tempo. Tarefas mais demoradas requerem uma maior capacidade de concentração o que nem sempre é possível dado o contexto envolvente e o horário (ao final da tarde) em que a atividade decorria.

Esta percepção adveio da constatação de que, sempre que era necessário dar início a uma nova tarefa, a ordem era reestabelecida na sala de aula e os alunos voltavam a reorganizar-se e a concentrar-se para ouvir as instruções do professor. Desta forma, com a necessidade de reconcentrar os alunos com maior frequência, será mais fácil manter o seu comportamento dentro dos padrões desejados.

Constatee também nesta fase que os tempos em que os alunos estavam sem nenhuma tarefa para fazer eram também problemáticos. Nesta faixa etária, estar num espaço sala de aula, ao final do dia, sem nenhuma tarefa concreta para desenvolver, levava a que o barulho na sala fosse aumentando e o controlo da turma se fosse perdendo. Desta forma, uma outra preocupação que deveria ter em conta na planificação das atividades era a de procurar reduzir ao mínimo esses tempos.

Enquanto fator facilitador, pude perceber que a maioria dos alunos estão sensibilizados e motivados para as questões relacionadas com o uso de novas tecnologias. No entanto, os poucos recursos tecnológicos existentes nas salas de aula, poderiam dificultar este processo. Segundo Teixeira quando a criança “manipula, observa e explora a funcionalidade dos recursos digitais, adquire múltiplas aprendizagens em todas as áreas curriculares” (Teixeira, 2013, p. 2) o que pressupõe que os recursos tecnológicos existam.

De qualquer forma, e porque cabe a cada professor inovar, descobrir e implementar, como prática educativa, novos instrumentos e novas ferramentas que venham a contribuir para o desenvolvimento intelectual de cada criança, considere, desde logo, que esta problemática seria um constante desafio à minha própria criatividade.

3.2 - Aulas assistidas

11 de fevereiro de 2014

A primeira aula assistida ocorreu no dia 11 de fevereiro de 2014 e foi lecionada ao 3.º ano (turma M) da EB1 do Serrado. Esta aula foi planificada tendo em conta as atividades previstas no Agrupamento, no âmbito da comemoração da "Semana da Internet Mais Segura 2014". As atividades desenvolvidas foram atempadamente planificadas em articulação com a Biblioteca Escolar e o grupo disciplinar de Informática.

A planificação da aula encontra em anexo a este relatório.

A temática da segurança na internet será sempre um assunto importante a debater, quer em contexto escolar quer em contexto familiar, já que as crianças iniciam cada vez mais cedo a navegação na internet e de forma cada vez mais autónoma. Segundo um estudo realizado em 2011 com crianças e referente aos riscos associados à utilização da internet, verificou-se que “a existência de riscos inerentes à navegação online foi reconhecida por todos os participantes, nomeadamente o contacto com estranhos, a criação de falsas amizades online, a ofensa por pedófilos, o envolvimento em experiências de fragilização psicológica resultantes em suicídio e a viciação na internet” (Dias & Osório, 2011, p. 1373).

A aula decorreu em dois momentos distintos: inicialmente, foram mostrados dois vídeos acerca da temática mencionada seguidos de um debate de ideias a reter acerca da segurança na internet. Posteriormente foi dinamizado o jogo "Barómetro dos Sentimentos" cujo objetivo era sensibilizar os alunos para os diferentes impactos que, uma mesma situação, pode ter em pessoas diferentes.

O jogo foi idealizado através da sugestão de atividades disponível no *website* da *SeguraNet* mas foi integralmente concebido por mim.



Imagem 2 – Elaboração do jogo “Barómetro dos Sentimentos”

Reflexão individual da aula do dia 11 de fevereiro de 2014

A aula decorreu dentro do que estava previsto. Os alunos mostraram-se de uma forma geral interessados e participativos nas tarefas propostas.

A visualização dos filmes foi seguida de um debate de ideias e experiências pessoais e, de forma entusiasmada, a grande maioria dos alunos procurou intervir partilhando episódios do seu dia-a-dia. Esta partilha foi fundamental para o processo de consciencialização pretendido já que, sendo experiências vivenciadas pelos seus pares, a realidade dos factos fica mais próxima da sua e, alguns alunos, poderão mesmo rever-se nas histórias relatadas pelos seus colegas.

Foi com agrado que verifiquei que a grande maioria dos alunos mostrou vontade em participar no debate partilhando as suas vivências.

Relativamente ao jogo “Barómetro dos sentimentos”, considero que o objetivo de alertar as crianças para o facto de uma mesma situação ter impactos diferentes em pessoas diferentes, foi atingido. No final do jogo, e tendo em conta a distribuição dos cartões pelo “barómetro”, pude perceber pelas reações dos alunos, que ficaram admirados da disparidade do impacto demonstrado perante uma mesma situação já que cartões com a mesma situação foram colocados em posições quase opostas.



Imagem 3 – Dinamização do jogo “Barómetro dos sentimentos” em contexto sala de aula

Para além desta conclusão, embora não estivesse inicialmente previsto, os alunos pediram para repetir o mesmo jogo, pedido esse que foi atendido. Deste segundo jogo pude retirar uma outra conclusão: após o debate ocorrido no final do primeiro jogo, talvez os alunos tenham também aprendido a relativizar determinadas questões já que, na primeira fase, muitos alunos concentraram os seus cartões na área “Muito incomodado” e, na segunda fase, aconteceu quase o oposto estando a maioria dos cartões colocados na área do “Pouco incomodado” ou mesmo “Nada incomodado”.

Serviu este jogo também para alertar os alunos para determinadas situações, ocorridas no âmbito da utilização da internet que, acontecendo, devem ser transmitidas de imediato a um adulto. De uma forma geral, os alunos pareceram estar despertos para os perigos a que estão expostos aquando da utilização da internet, no entanto, neste tipo de atividade, é sempre possível esclarecer algumas dúvidas reforçando a ideia de que é fundamental estarem atentos a esta problemática.

23 de março de 2014

A planificação desta aula foi elaborada com base na ideia de que, neste dia, se iria comemorar nas várias escolas do agrupamento, o Dia da Árvore. Desta forma, decidi realizar uma atividade que pudesse despertar nos alunos a sua atenção e interesse pois, nas últimas aulas, havia notado maiores níveis de barulho e desconcentração. Neste dia em particular, tendo em conta o contexto envolvente, previa-se que os alunos estivessem ainda mais irrequietos pois tal costuma acontecer em dias em que participam em atividades que fogem da rotina habitual em sala de aula. Sendo desde logo previsível que o comportamento dos alunos pudesse não ser o desejado, decidi optar por uma tarefa diferente como forma de lhes captar mais facilmente a atenção.

A planificação da aula encontra em anexo a este relatório.

O objetivo geral desta aula era construir uma história multimédia alusiva ao Dia da Árvore. Esta aula foi planificada tendo em conta vários momentos diferentes já que um dos problemas que tinha de resolver era o de manter os alunos ocupados durante todo o tempo da aula. Assim, inicialmente foi contada aos alunos a história “A árvore que não conseguia respirar”, de seguida, cada um dos alunos, foi chamado junto do computador, para gravar as suas “falas” da história. Os restantes alunos tiveram como tarefa, enquanto aguardavam a sua vez, ilustrar um desenhos previamente distribuídos que foram depois usados para ilustrar a história multimédia.

Com esta estratégia diversificada, todos estariam ocupados simultaneamente, o que previa ser um ponto facilitador para a concentração e conseqüentemente para um melhor controlo dos seus comportamentos.

Reflexão individual da aula do dia 23 de março de 2014

Tal como era previsível, a aula teve início com alguma agitação pois os alunos estavam agitados e curiosos relativamente às tarefas que tinham para realizar nesse dia uma vez que sabiam desde logo que teriam um dia de aulas diferente.

Quando lhes expliquei as tarefas que tinham para desenvolver, os alunos ficaram bastante agradados com a ideia. Rapidamente se organizaram para dar início à tarefa pois estavam muito curiosos quanto ao facto de poderem gravar as suas próprias vozes para serem incluídas numa história multimédia.

Foi com agrado, e até algum espanto, que verifiquei que todos os alunos cooperaram de forma correta nesta tarefa pois a principal regra era a de todos os alunos estarem em silêncio durante as gravações.

Na minha opinião, o que fez a diferença de comportamento nesta aula foi a motivação dos alunos. Cooperaram em prol de um objetivo comum que era do agrado de todos. Para além disso, o facto de estarem ocupados, cada um na sua tarefa, também foi um fator fundamental enquanto contributo para o silêncio que a gravação áudio exigia.

6 de abril de 2014

Esta aula teve como objetivo principal a exploração de uma ferramenta (*EdiLim*) cujo potencial se centra na possibilidade de os alunos poderem criar os seus próprios jogos com temas por si escolhidos. Com esta ferramenta é possível criar Livros Interativos Multimédia com diversas atividades que podem ser previamente criadas pelo professor (dentro ou fora da sala de aula) ou podem ser criadas pelos alunos. Através desta ferramenta é possível criar páginas apenas descritivas/informativas ou interativas.

Após a sua elaboração, os livros poderão ser publicados na internet ficando assim disponíveis para posterior visualização. Desta forma, para além de poderem participar na construção das várias atividades que compõem o livro, os alunos têm ainda a possibilidade de realizar as atividades criadas fora do contexto sala de aula.

A planificação da aula encontra em anexo a este relatório.

Reflexão individual da aula do dia 6 de abril de 2014

Esta aula despertou algum nível de interesse nos alunos, no entanto, dada a hora em que decorre a aula, estes mostraram-se bastante agitados e irrequietos durante a maior parte da aula.

Pude perceber que, dado o interesse por eles demonstrado em serem os escolhidos para efetuarem tarefas no computador, este tipo de ferramenta poderia ter maior impacto se cada um deles tivesse disponível um computador para ir realizando as suas próprias tarefas. Como forma

de minimizar a falta de recursos informáticos na sala de aula, foi usado o projetor para que todos pudessem acompanhar a realização das tarefas. Todos, de forma sequencial, foram sendo chamados ao computador para realizar pequenas tarefas. Desta forma pretendia-se motivá-los tentando que o tempo de espera de cada um para a realização de uma tarefa fosse o mínimo possível.

De qualquer forma, no final da aula, alguns alunos demonstraram interesse em saber mais acerca desta ferramenta e indicaram ser sua intenção usar, em casa, o livro criado pela turma no âmbito desta aula.

Fazendo um balanço global de toda a intervenção desenvolvida em contexto sala de aula, considero que esta me permitiu adquirir competências em termos do trabalho com crianças e possibilitou que eu pudesse ter uma perceção efetiva das dificuldades com que um professor, que leciona AEC's de TIC com escassos recursos tecnológicos, se depara. No entanto, os obstáculos fazem com que a criatividade seja colocada à prova e, transformando-os em desafios, cabe a cada professor encontrar estratégias de os superar.

No final da intervenção em contexto sala de aula, elaborei um “Certificado de Participação” para cada um dos alunos das turmas envolvidas na minha intervenção. Serviu este para agradecer aos alunos, e consequentemente aos seus pais/encarregados de educação pela colaboração prestada. No meu entender, reconhecer a importância de todos os intervenientes no processo ensino/aprendizagem é um princípio que não deve ser descurado pois promove o bom relacionamento entre todos. Neste sentido, tal como referem Sousa e Sarmiento, a escola, “enquanto sistema que deve tender para a prática de um novo modelo mais aberto que aceita os seus novos desafios e conflitos como fatores de mudança e de progresso, compete incentivar e promover esse envolvimento, estabelecendo canais diversificados de comunicação e colaboração que funcionem em regime permanente de confiança mútua” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 147)

3.3 - Atividades desenvolvidas no contexto geral da comunidade educativa

Hoje, na escola, entende-se que o exercício da cidadania não só é um dever mas também um direito. Todos os intervenientes na educação são chamados a intervir, sendo necessária a

cooperação de todos os agentes que tenham algo a ver com a prática educativa: família, a escola e comunidade (Sarmiento & Freire, 2012, p. 106). Como tal, os professores, enquanto pilares fundamentais de qualquer contexto educativo, não se podem desvincular deste dever não só profissional mas também cívico.

Uma Escola tem que estar aberta à comunidade e colaborar com ela de forma a valorizar todos os agentes educativos. Só assim poderá realizar a sua missão de aprendizagem da democracia na promoção da igualdade de oportunidades para todos, que é o grande objetivo da escola nas sociedades democráticas. Segundo Freire e Sarmiento, o envolvimento dos diversos atores sociais é eficaz quando existe adesão voluntária de todos. Estar presente não significa, só por si, participar. E esta questão aplica-se a todos os atores do processo ensino-aprendizagem, nomeadamente, alunos, pais/encarregados de educação e professores (Sarmiento & Freire, 2012).

Os professores, pela tarefa que desempenham nas suas salas de aula, assumem um papel vital na vida dos alunos. Faz parte das suas competências a responsabilidade de contribuir forte e eficazmente para a educação os seus alunos, construir um ambiente acolhedor e promover o conhecimento. No entanto, enquanto membro de uma comunidade escolar, o professor deve também envolver-se verdadeiramente no espírito de *entreaajuda* no sentido de promover uma maior integração de todos os alunos e servir-se do espaço escolar para estreitar laços entre si, os seus alunos e a sociedade envolvente.

Para que tal aconteça, o professor não pode reduzir a sua ação ao contexto de sala de aula pois, desta forma, limita fortemente o seu envolvimento com a restante comunidade escolar. Cada professor deve procurar participar ativamente na vida do agrupamento através do envolvimento em atividades não letivas bem como na dinamização/participação em projetos contribuindo desta forma para o “crescimento” da sua escola e estreitando relações não só com os alunos como com a restante comunidade escolar.

Um professor deve ser verdadeiramente participativo. Se cada professor partilhar os seus conhecimentos, experiências e técnicas com a restante comunidade escolar, com certeza que a simples partilha já deixará um contributo positivo na escola. Tal como refere Nóvoa, “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada

O grupo disciplinar de Informática, conjuntamente com a Biblioteca Escolar, à semelhança do que já aconteceu em anos anteriores, dinamizam atividades dentro desta temática com o intuito de alertar a comunidade escolar para a importância de uma utilização segura da internet. Para tal, foi elaborado um *flyer* para divulgação destas atividades:

Agrupamento de Escolas Figueira Mar

Semana da Internet Mais Segura

AGROPAMENTO DE ESCOLAS FIGUEIRA MAR

Semana de 10 a 14 de Fevereiro de 2014

Atividades para o 1º ciclo:

- *Barómetro dos sentimentos* – Atividade a desenvolver em sala de aula nas turmas do 3º e 4º ano

Atividades para o 3º ciclo:

- *A minha vida é pública?* - Atividade a desenvolver em sala de aula nas turmas do 7º e 8º ano
- *O que farias?* - Atividade a desenvolver em sala de aula nas turmas do 7º e 8º ano

Atividades para a restante comunidade escolar:

- *A internet em banda desenhada* - Mantenham-se atentos... a escola vai ser invadida por tiras de banda desenhada!
- *Guias SeguraNet* - Consultem os guias SeguraNet no blogue da biblioteca em:
<http://plataformadapalavra.blogspot.pt/>
relativos à segurança na internet... Deixem por lá os vossos comentários... Todos temos algo para aprender!

Atividade desenvolvida em articulação entre o grupo disciplinar de Informática, a estagiária Susana Oliveira (Mestrado em Ensino de Informática - Universidade do Minho, sob orientação do professor Aloísio Faria) e a Biblioteca Escolar.

Fevereiro 2014

Imagem 5 – *Flyer* para divulgação das atividades da “Semana da internet mais segura”

Para que este dia fosse assinalado na comunidade escolar, convidámos todas as escolas do agrupamento a dinamizarem atividades sobre as temáticas relacionadas com a Segurança na Internet, na segunda semana do mês de fevereiro de 2014.

As diversas atividades foram planeadas de acordo com os vários níveis de ensino existentes no agrupamento. Desta forma, foram dinamizadas as seguintes atividades:

Destinadas ao 1.º ciclo

Barómetro dos sentimentos

Entregar um cartão a cada aluno com uma situação problema, por exemplo “Há uma semana que recebo mensagens a dizer que ninguém gosta de mim”. Cada aluno deverá colocar o seu cartão num barómetro que vai desde “Nada incomodado” a “Muito incomodado”.

Depois de todos os alunos colocarem os seus cartões, deverá ocorrer um debate no sentido de alertar os alunos para o facto de, uma mesma situação, ser mais ou menos incómoda consoante a pessoa.

Destinadas ao 3.º ciclo

A minha vida é pública?

Visualização de um vídeo disponível no *youtube* onde se alertam os jovens para o facto de, mesmo sem se aperceberem, terem grandes quantidades de informação disponíveis acerca da sua vida pessoal.

O que farias?

Colocar os alunos perante situações hipotéticas e questioná-los acerca do que fariam naquela situação.

A internet em BD

Colocar nas salas de aula as bandas desenhadas com alertas para alguns aspetos da segurança na internet. Ir colocando *online*, durante a semana, algumas delas no *blogue* da biblioteca escolar (BE).

Destinadas a toda a comunidade escolar

Alertas *SeguraNet* no LCD da Biblioteca a passar durante toda a semana

Informação acerca da temática "Segurança na Internet" a toda a comunidade educativa por mail.

Divulgação dos guias *SeguraNet* disponíveis no *blogue* da biblioteca do agrupamento <http://plataformadapalavra.blogspot.pt/>.

Todas estas atividades decorreram com a colaboração de vários professores do agrupamento que, junto das suas turmas, dinamizaram as várias atividades planificadas.

A dinamização de todas estas atividades, algumas delas em simultâneo, implicou uma planificação bastante cuidada e atempada já que, todos os professores que estiveram envolvidos na sua dinamização destas atividades foram previamente informados de como o deveriam fazer e receberam todos os materiais necessários à realização das mesmas.

A ideia primordial deste conjunto de atividades foi envolver o maior número de elementos da comunidade educativa: professores, alunos, pessoal não docente, bem como os encarregados de educação. Consideramos que esta é uma das formas possíveis de aproximar a escola da restante comunidade escolar, estreitando relações e fazendo transparecer a ideia de que uma escola inclusiva deve abarcar todos os seus elementos.

Relativamente às atividades direcionadas para o 1.º ciclo, como já foi acima referido neste relatório, saliento a participação de duas turmas onde as atividades foram dinamizadas por mim. Nestes casos, pude testemunhar que os alunos aderiram às atividades propostas em sala de aula de forma bastante interessada e participativa. Nas restantes turmas envolvidas, onde a dinamização foi feita por outros professores, o feedback foi igualmente bastante positivo. Todas as turmas tiveram oportunidade de jogar o jogo “Barómetro dos sentimentos” que, por ser uma novidade, teve uma grande adesão e envolvimento por parte dos alunos.

Relativamente às atividades direcionadas para o 3.º ciclo, estas também tiveram uma importante participação por parte dos alunos, que visualizaram o filme com interesse fazendo comentários ao mesmo no final. Debates deste género são fundamentais pois levam a uma reflexão acerca da temática em análise, e, pela diversidade de opiniões que existiram, com certeza foi um momento enriquecedor para os alunos envolvidos.

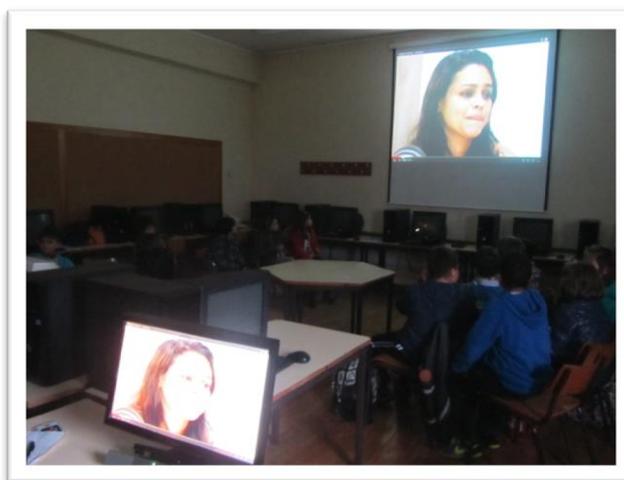


Imagem 6 – Alunos em atividade na comemoração do Dia da Internet Mais Segura

No que diz respeito às atividades previstas para envolver todos os elementos da comunidade escolar, foram afixados em vários locais da escola tiras de banda desenhada alusivas ao tema:

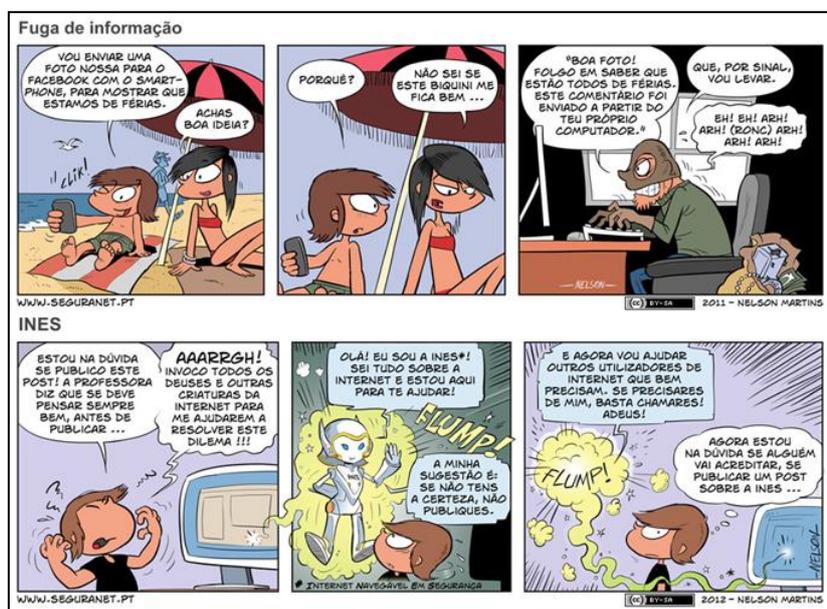


Imagem 7 – Exemplo de tiras de banda desenhada afixadas na escola na Semana da Internet Mais Segura

Para além de estarem afixadas em vários locais da escola, também elaborei um vídeo que esteve a passar no LCD da biblioteca, visível num dos átrios, com estas mesmas tiras. Considerámos que a banda desenhada seria uma forma fácil e eficaz de cativar a atenção do público-alvo, o que se veio a verificar, já que pudemos constatar que foram muitos os alunos, professores e funcionários que visualizaram e teceram comentários acerca das mesmas.

Também a atividade “O que farias?”, que consistiu em colocar os alunos perante situações hipotéticas e questioná-los acerca do que fariam naquela situação, teve um envolvimento considerável por parte dos alunos que se mostraram, na generalidade, interessados e participativos. Esta atividade foi desenvolvida em sala de aula com recurso a apresentações eletrónicas retiradas do *website* da *SeguraNet* e tinha como objetivo confrontar os alunos com situações problema que poderão ocorrer aquando da utilização da internet. Após um breve debate acerca da situação problema exposta, coube ao professor que dinamizava a atividade, chamar a atenção para um conjunto de aspetos pertinentes relacionados com a situação problema exposta.

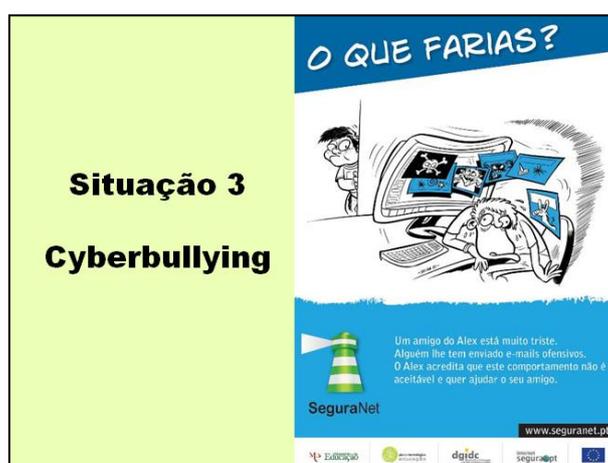


Imagem 8 - Exemplo de uma das situações problema usadas na atividade “O que farias?”

3.3.2 - Comemoração do dia cultural do agrupamento (4 de Abril de 2014)

Como é do conhecimento geral, há muito que os agrupamentos de escolas se veem confrontados com o facto de ser necessário tomar medidas que visem não só o bom funcionamento da escola, como também levem a uma redução de custos. Neste sentido, e não esquecendo todas as vantagens associadas à utilização do *e-mail* e da plataforma *moodle*, o agrupamento decidiu criar um *e-mail* institucional para cada elemento da comunidade educativa, bem como disponibilizar, através da plataforma *moodle*, um espaço de partilha de recursos.

Uma vez que esta medida havia sido tomada recentemente, para este ano o grupo disciplinar de Informática considerou pertinente dar prioridade a questões relacionadas com a

consciencialização de toda a comunidade escolar para a importância da utilização do *e-mail* institucional. Foi igualmente tida em conta a divulgação da plataforma *moodle* do agrupamento enquanto uma mais-valia tanto no processo ensino/aprendizagem como numa tentativa de aproximar a escola de todos os elementos que dela fazem parte.

Desta forma, pretendeu esta atividade divulgar a ideia de que o *e-mail* é uma forma rápida, eficaz e barata de divulgar informação e de estar em contacto com o mundo que nos rodeia. Chamando a atenção para estas vantagens, o objetivo seria também informar toda a comunidade escolar de que, tendo o agrupamento criado um *e-mail* institucional para cada elemento da comunidade educativa, estes passariam a ser usados para enviar informação oficial da escola.

No que diz respeito à plataforma *moodle*, pretendeu-se divulgar a ideia de que esta é um plataforma educacional onde professores e alunos podem manter um contacto mais regular e onde os alunos poderão aceder aos materiais disponibilizados por cada um dos seus professores.

Neste sentido, foram elaborados panfletos informativos cujo objetivo foi a sensibilização de todos os elementos da comunidade escolar para a importância do uso destas duas ferramentas disponibilizadas pela escola a todos os seus elementos enquanto meio facilitador de comunicação.

O panfleto elaborado por mim para o efeito, e que está em anexo a este relatório, tinha como finalidade, para além de sensibilizar professores e alunos para a importância da utilização destas ferramentas, ser uma pequeno manual de instruções (um passo a passo) tanto para aceder ao *e-mail* previamente criado como à plataforma *moodle* do agrupamento dando um especial destaque às restrições obrigatórias aquando da inserção da nova palavra-passe para acesso a ambas as ferramentas.

Após esta campanha de sensibilização, o Coordenador do grupo disciplinar de Informática, verificou uma maior utilização tanto da parte dos *e-mails* institucionais como da plataforma *moodle*; no entanto considera que, neste momento, essa utilização ainda não atingiu os valores desejados. Feito o balanço desta atividade concluiu-se que, uma vez que os resultados obtidos ficaram aquém das expectativas inicialmente previstas, no próximo ano letivo deverão ser levadas a cabo outras iniciativas que fomentem a utilização destes recursos. Segundo

informação prestada pelo Coordenador do grupo disciplinar de Informática, serão incluídas no Plano de Atividades do próximo ano letivo, atividades que permitam promover junto de todos os elementos da comunidades escolar, quer a utilização do *e-mail* institucional, quer a utilização da plataforma *moodle* do agrupamento.

3.3.3 - Formação de professores – Wordle e Prezi

A atualização de conhecimentos bem como o contato com novas ferramentas é fundamental para uma dinamização potencialmente mais interessante na transmissão de conteúdos em contexto sala de aula. Desta forma, a formação de professores é uma preocupação contínua no Agrupamento de Escolas Figueira Mar. Tal como refere Nóvoa, “mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, a formação de professores é o momento-chave da socialização e da configuração profissional” (Nóvoa, 1991, p. 4).

O mesmo autor considera ainda que “estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional” (Nóvoa, 1991, p. 13).

Tendo consciência da importância que a constante formação tem na profissão docente, foi dinamizada uma formação resultante da articulação entre a Biblioteca Escolar e o grupo disciplinar de Informática. A formação previa duas vertentes, *Prezi* e *Wordle*, sendo a formação no *Prezi* dinamizada por mim.

Wordle é uma ferramenta frequentemente usada em brainstormings. De entre um conjunto de palavras, destacam-se as mais usadas num texto ou as referidas pela assistência. É uma excelente ferramenta para dar a ideia global do que foi abordado relativamente a determinada temática e também para construir cartazes e postais. Esta ferramenta permite então criar "nuvens de palavras" através do conjunto de palavras fornecidas. As nuvens dão maior destaque às palavras que aparecem com mais frequência no conjunto inicial. É possível configurar as nuvens com diferentes tipos de letra, *layouts* e esquemas de cores. As imagens criadas no *Wordle* podem depois ser impressas ou guardadas para posteriormente serem compartilhadas com outras pessoas.

No caso do *Prezi*, esta é uma ferramenta vocacionada para a construção de apresentações eletrónicas com potencialidades não incluídas no tradicional PowerPoint. Permite criar apresentações de alto impacto através do conceito de apresentações de zoom, reduzindo e ampliando imagens e textos de uma forma cativante. Uma vez que é uma ferramenta relativamente recente, apresenta desde logo a vantagem de gerar curiosidade nos espetadores cativando desta forma a sua atenção. Para além disso, por ser uma ferramenta de *zooming*, permite ter uma visão global dos conteúdos a abordar, e depois ir visualizando cada um dos aspetos em pormenor. Em termos de organização de pensamento, a possibilidade de se irem visualizando os conteúdos como um todo e depois em partes, é de todo benéfica.

Uma vez que, como já referi, a formação em *Prezi* foi dinamizada por mim, elaborei um manual detalhado de suporte à formação cujo objetivo foi disponibilizar a todos os participantes na formação um suporte que lhes permitisse acompanhar os conteúdos abordados durante a mesma, bem como terem a possibilidade de repetir as tarefas em casa, de forma autónoma, sempre que sentissem necessidade de voltar a usar a aplicação.



Imagem 9 – Manual de apoio à formação em *Prezi*

O manual elaborado para a formação encontra-se em anexo a este relatório.

Inicialmente estava prevista uma formação com duas sessões, com uma duração de 2 horas cada; no entanto, devido ao elevado número de inscrições verificadas, houve necessidade de calendarizar novas datas para que todos os inscritos tivessem oportunidade de frequentar a formação. O elevado número de inscrições na formação comprova que, apesar do volume de trabalho a que os professores indicam estar sujeitos diariamente, continuam empenhados em

aumentar as suas competências em termos tecnológicos, para, desta forma, poderem inovar em termos pedagógicos.

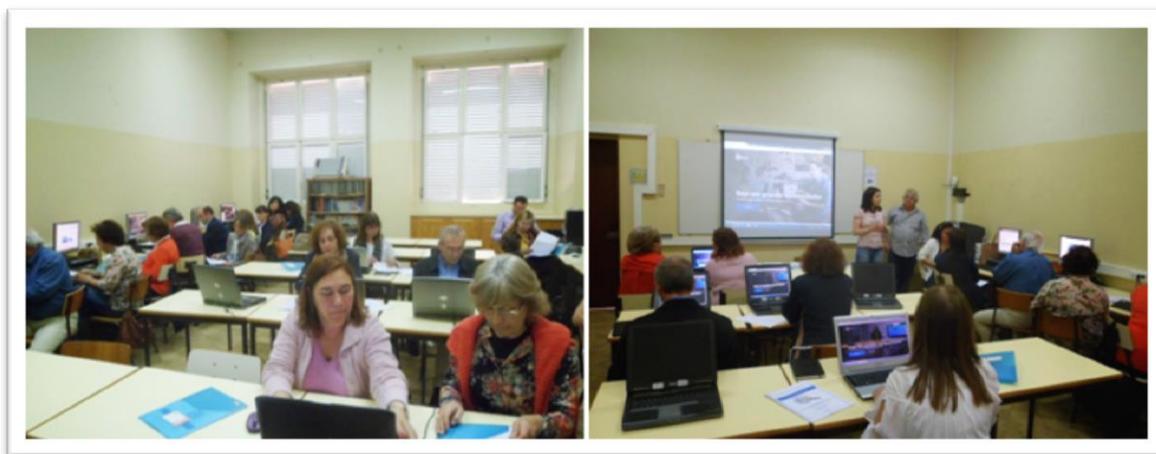


Imagem 10 - Formandos na primeira sessão de formação em *Prezi*

Após a realização destas duas formações, surgiu a necessidade de calendarizar uma terceira formação já que os professores das escolas do 1.º ciclo, que também demonstraram interesse nesta formação, referiram que não a puderam frequentar porque o horário indicado não era compatível com os seus horários escolares. Uma vez que o propósito da formação era abranger o maior número de pessoas possível, foi calendarizada uma terceira formação num horário conciliável com o horário dos professores do 1.º ciclo.

Esta formação decorreu nas instalações da escola sede numa sala de informática previamente selecionada pois, para a formação, era necessária uma sala equipada com computadores com ligação à internet. A sala, embora dotada dos recursos indicados, levantou alguns problemas no que diz respeito à ligação da internet. A fraca qualidade da ligação impediu que a primeira sessão da formação decorresse como estava inicialmente prevista o que fez com que houvesse necessidade de improvisar e ministrar a formação de forma diferente. Esta questão, da falta de uma ligação à internet de qualidade, foi devidamente salientada pelos formandos nos inquéritos relativos à avaliação da formação. Nas restantes sessões, com vista à resolução do problema no acesso à internet, foi instalado em todos os computadores o *Prezi Desktop*, que embora não torne a internet totalmente dispensável, permite a realização de grande parte das tarefas de forma *offline*. Esta solução permitiu que as sessões seguintes da formação corressem dentro da normalidade expectável e os conteúdos abordados pudessem ser devidamente testados pelos formandos. Verificou-se uma clara distinção entre a primeira sessão da formação e a segunda,

tendo esta última, e segundo a opinião generalizada dos formandos, sido mais proveitosa em termos da interação com a ferramenta.

No sentido de aferir se a formação tinha ido ao encontro das expectativas dos formandos, no final de cada uma das três formações realizadas todos eles reponderam a um inquérito, que se encontra em anexo a este relatório, onde puderam expressar a sua opinião relativamente à formação recebida. O referido inquérito foi organizado em três secções distintas, a saber:

- avaliação global da formação;
- desempenho da formadora;
- organização da ação, designadamente no que toca a recursos de apoio mobilizados para a ação.

Feito o tratamento de dados deste inquérito, foi com enorme satisfação que verifiquei que a avaliação global da formação foi considerada boa, assim como o desempenho da formadora. No que diz respeito aos recursos de apoio mobilizados para a formação, há a destacar pela negativa a questão da velocidade da internet que, tal como foi já referido, condicionou negativamente a primeira sessão da formação e condicionou ligeiramente as restantes.

Disponibilizado o inquérito aos 29 professores participantes, relativamente à avaliação global da formação, numa escala de 0 a 5, os inquiridos atribuíram, em média, 4,8 valores. De salientar que 71% dos inquiridos atribuíram nível 5 em todos o parâmetros.

Relativamente ao desempenho da formadora, o nível atribuído pelos inquiridos foi em média 4,9 valores. Devo salientar que, no final das sessões de formação, foram muitos os professores que permaneceram na sala para esclarecerem dúvidas relativamente a possíveis utilizações do *Prezi* em contexto sala de aula no âmbito das suas disciplinas. Saliento ainda o cuidado demonstrado pelos formandos em agradecer e demonstrar o seu agrado pela forma como a formação foi proporcionada.

Quanto à organização da ação, designadamente no que toca a recursos de apoio mobilizados para a mesma, foi classificada com 4,4 valores.

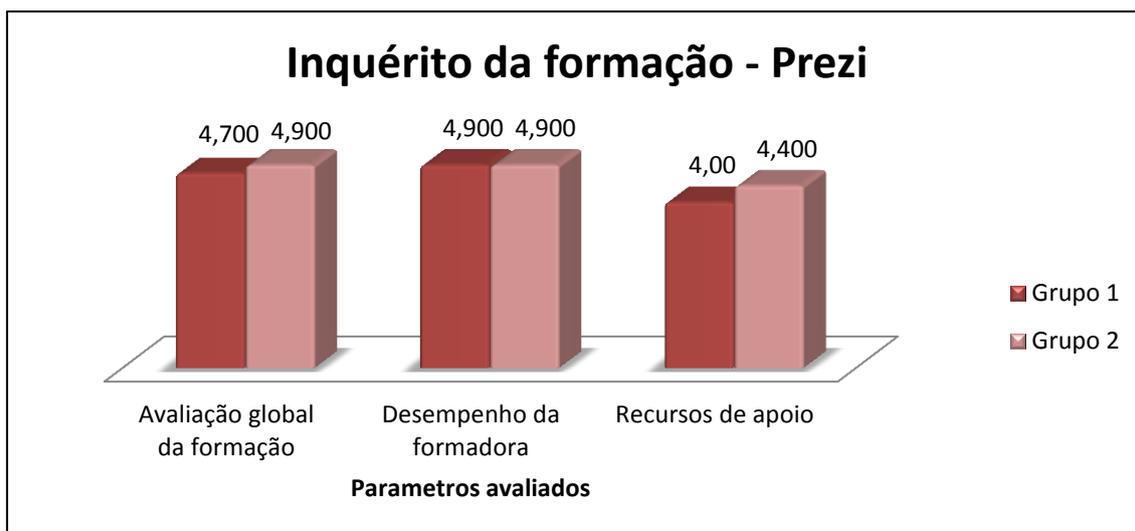


Gráfico 1 – Inquérito da formação Prezi

Importa ainda salientar a opinião dos professores inquiridos que referiram que este tipo de formação contribui para o enriquecimento da sua atividade pedagógica.

Todos os formandos que assistiram efetivamente às duas sessões que compunham a formação, tiveram direito a um Certificado de Participação que foi previamente elaborado pelo grupo dinamizador desta formação e devidamente aprovado pelo Diretor do Agrupamento.



Imagem 11 – Certificado de participação entregue aos formandos

Quando questionado relativamente à pertinência deste tipo de atividades, o Diretor do Agrupamento, Dr. Pedro Mota Curto, considerou esta prática de absoluta importância na atual sociedade do conhecimento, pelo que nos próximos anos a escola continuará a promover outros

ciclos que sejam os motores da transformação das aprendizagens, com vista ao verdadeiro sucesso escolar e educativo.

Em suma, as “práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autónoma na produção dos seus saberes e dos seus valores” (Nóvoa, 1991, p. 15).

3.3.4 - Elaboração do *website* da turma do 1.º ano

Uma das preocupações que tem sido abordada ao nível do ensino é a relação entre a escola e a família. A urgência deste diálogo surgiu com a democratização das sociedades sociais e a emergência da escola de massas, com o objetivo de conseguir atingir os objetivos propostos – o sucesso educativo de todos e garante da participação ativa da sociedade civil na construção da democracia pelo exercício pleno da cidadania. Alguns estudos têm vindo a demonstrar que a colaboração da escola com a família e a comunidade traz vantagens. Mas as práticas das escolas, ou seja, a interação destas com as famílias, parece que só agora se começam a centrar na resolução desta problemática tentando lentamente combater o padrão tradicional de pouca ligação. “Durante anos, a escola constituiu-se como um espaço fechado e à margem da comunidade, uma vez que lhe competia apenas a função de instrução” (Sousa & Sarmento, 2010). A aproximação e diálogo entre a escola e a família têm sido marcados por fortes conflitualidades de interesses, mal-entendidos, desconfianças e intromissões recíprocas, lutas de poder e cumplicidades. Tratando-se de um envolvimento complexo, o que se espera das famílias e o que as famílias esperam da escola tem que ser acordado com base na negociação pois a criança sente-se mais protegida se sentir uma união saudável entre a escola e a família. Não existe uma fórmula para que exista uma boa relação entre a escola e a família, existe sim um princípio que qualquer atividade desenvolvida com os pais/encarregados de educação tem que partir da escola, mas esta tem que ser desenvolvida e planeada com a colaboração dos pais/encarregados de educação. “Assim se compreende que a escola não poderá desempenhar verdadeiramente o seu papel se não puder contar com o apoio da família. É esta quem melhor conhece as potencialidades, as características específicas de cada aluno, sendo, por isso, o ator mais bem colocado para subvencionar a escola e os professores de informações fundamentais para o desenvolvimento de projetos e estratégias mais adequadas, continuando os pais/encarregados de educação a ser os primeiros, permanentes e mais importantes

professores das crianças” (Sousa & Sarmento, 2010). É urgente que família e escola empreendam projetos comuns de cooperação.

Com o intuito de estreitar relações entre a escola e a família, em colaboração com a professora titular da turma do 1.º ano, Profª Paula Marques, criei um *website* para divulgação das atividades da turma, quer em contexto sala de aula quer em atividades fora do espaço escolar.

Neste momento o *website* já está online estando acessível no link <http://paulacunha64.wix.com/gentemiuda>:



Imagem 12 – *WebSite* da turma do 1.º ano da EB1 do Serrado

Uma vez que o objetivo primordial deste *website* é a divulgação aos pais/encarregados de educação das atividades em quais os alunos da turma participam, elaborei ainda uma informação que foi enviada para casa dando a conhecer a existência deste *website*.

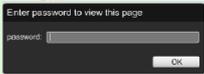
WEBSITE DA TURMA 1ª DA EB1 DO SERRADO

Caros pais:

Na sequência de algumas solicitações, tomei a iniciativa de elaborar, em colaboração com a estagiária Susana Oliveira, um website para os alunos desta turma.

O website já se encontra on-line e poderão aceder-lhe usando o endereço:
<http://paulacunha64.wix.com/gentemiuda>

No sentido de preservar a imagem dos vossos educandos, nas páginas "Atividades em sala de aula" e "Visitas de estudo", onde constarão registos fotográficos, será solicitada uma palavra passe:



Quando solicitada a palavra passe, devem escrever na caixa **serrado** obtendo assim permissão para entrar na respetiva página. Solicita-se que esta palavra passe não seja divulgada já que permite o acesso a fotos/vídeos das crianças.

Com os melhores cumprimentos,
Prof. Paula Marques

4 de Março de 2014

Imagem 13 – Informação para conhecimento da existência do *Website* da turma

Desta forma, os pais/encarregados de educação passam a ter acesso privilegiado às atividades desenvolvidas pelos seus educandos. Em conjunto com as crianças e no conforto das suas casas, têm a possibilidade de visualizar fotos e vídeos dessas mesmas atividades, podendo assim interagir com a criança que estará desta forma, mais motivada para dialogar com os pais/encarregados de educação acerca das atividades em que se envolveu. O *website*, poderá então ser um forte estímulo para o diálogo entre a criança e a família o que, conseqüentemente, fará uma aproximação entre a família e a escola.

Para além de todas as questões burocráticas e técnicas aliadas à construção do *website*, foi desde logo salientada pela professora titular da turma a importância de preservar a identidade e a imagem de todas as crianças. Neste sentido, todas as páginas que contêm fotos ou vídeos das crianças em atividade, estão protegidas por uma palavra-passe que foi atempadamente divulgada aos pais/encarregados de educação dos alunos da turma.

Esta atividade, apesar de ter sido proposta pela professora titular da turma do 1.º ano, e ter por isso sido desenvolvida especificamente para essa turma, tendo em conta a visibilidade que teve junto, não só dos pais/encarregados de educação, como também da restante comunidade escolar, no final do ano letivo outros professores do 1.º ciclo mostraram interesse em desenvolver um projeto semelhante para as suas turmas. Neste momento, o coordenador do grupo disciplinar de Informática, está a fazer um levantamento junto dos professores do 1.º ciclo, no sentido de perceber quais são as suas necessidades para, no próximo ano letivo, se criar um espaço comum para a divulgação das atividades do 1.º ciclo.

3.4 - Reflexão sobre a função do professor nas Atividades de Enriquecimento Curricular

Segundo a opinião do Professor Eduardo Sá, psicólogo, psicanalista e professor de psicologia clínica e de psicanálise na Universidade de Coimbra, “as atividades extracurriculares das crianças são importantes pela sua mais-valia formativa e cultural e pela ocupação do tempo da criança” (Sá, 2010). Neste sentido, importa salientar que a ocupação do tempo da criança deve ser alvo de reflexão por todos os intervenientes na vida da criança, nomeadamente, escola, família e comunidade. Não importa ocupar o tempo da criança com o único objetivo de lhe preencher os tempos livres mas sim ocupá-los de forma séria e organizada para que essas atividades cumpram com os pressupostos para os quais foram criadas quer a nível formativo como a nível cultural.

Com o intuito de aprofundar as questões relacionadas com o papel do professor que leciona as AEC's, considerei pertinente, no final da minha intervenção, tentar perceber junto dos professores que lecionam estas atividades, qual a sua perceção relativamente a este seu papel, bem como a importância que lhe atribuem e os impactos que, na sua opinião, estas atividades têm nos seus alunos.

Ponderando as várias formas para levar a cabo esta investigação, o método escolhido foi o inquérito através da técnica de entrevista. Esta escolha deveu-se ao facto de uma entrevista permitir obter uma melhor perceção do entrevistado face ao assunto em análise quando comparado com um inquérito por questionário. A flexibilidade de uma entrevista, bem como a possibilidade de adaptação ao entrevistado, às suas reações ou ao contexto, permitem uma recolha de dados mais alargada. Numa conversa, é mais provável que o entrevistado se sinta confortável para emitir opiniões mais longas/detalhadas que possivelmente não faria se tivesse, por exemplo, de o colocar por escrito. Para além disso, neste caso, considerei ainda que a entrevista poderia facilitar a vida ao entrevistado em termos de tempo e trabalho. Outro dos pontos fortes que me levou a optar pela entrevista foi o facto de, numa situação de entrevista, ter a oportunidade de poder observar a linguagem não-verbal (expressões, gestos, tom de voz, etc...) que poderão transmitir mais informações contribuindo desta forma para um maior enriquecimento dos dados recolhidos.

Tal como refere Rubin, as entrevistas apresentam grandes vantagens: permitem criar um relacionamento com o entrevistado que faz com que ele se sinta mais responsável pelo estudo

que está a ser levado a cabo; é mais provável que o entrevistado dê uma opinião mais pessoal e não apenas porque acha que é a resposta mais conveniente para o estudo; no decorrer da entrevista é possível colocar mais questões que possam surgir no momento com o intuito de esclarecer algum ponto importante para o estudo (Rubin, 2008, p. 143).

Assim, realizei uma entrevista aos dois professores com quem trabalhei na fase de desenvolvimento do meu projeto de intervenção em contexto sala de aula. Foram escolhidos estes dois entrevistados por considerar que, por termos criado um laço de confiança durante a minha intervenção em sala de aula, estariam mais à vontade para expressarem as suas opiniões do que no caso de professores com os quais não tive oportunidade de trabalhar.

Após a elaboração de um guião para a entrevista, composto por uma sequência de perguntas semiestruturadas por forma a ser flexível o suficiente que permitisse obter a maior diversidade possível de opiniões, solicitei a um perito que validasse o mesmo no sentido de perceber se as perguntas estariam estruturadas de forma a não induzir o entrevistado numa determinada resposta em detrimento de outra. Após a validação do guião por parte do perito, realizei as entrevistas gravando as mesmas para posterior transcrição e análise.

As entrevistas, embora realizadas no mesmo dia (5 de junho de 2014), foram realizadas em separado, na escola sede do agrupamento na sala de reuniões dos diretores de turma. O local escolhido teve a ver com o facto de ser um local onde os entrevistados se sentem confortáveis (pois ambos são diretores de turma e utilizam este espaço com bastante frequência) e é um local calmo onde as entrevistas puderam ser realizadas sem interrupções.

3.4.1 - Perfil dos entrevistados

Entrevistado A

Nome: Aloísio Rosa Faria

Idade: 53 anos

Habilitações académicas: Bacharelato em Engenharia Informática e de Sistemas

Tempo de serviço no ensino: 25 anos

Experiência em termos de AEC's: lecionou AEC's pela primeira vez neste ano letivo

Entrevistado B

Nome: Rosa Maria Flores de Oliveira Santos Carvalho

Idade: 57 anos

Habilitações académicas: Licenciatura em Engenharia Civil (pela FCTUC)

Tempo de serviço no ensino: 32 anos

Experiência em termos de AEC's: lecionou AEC's pela primeira vez neste ano letivo

Ambos os entrevistados são professores do quadro de escola há vários anos pelo que conhecem bem a realidade do agrupamento bem como os recursos existentes na escola e todos os elementos da direção. Quer pela sua vasta experiência enquanto professores, quer devido ao facto de serem professores deste agrupamento há muitos anos, considereei que a sua opinião seria uma mais-valia para esta minha reflexão por se tratar de uma opinião pessoal formada com base em experiências vivências por ambos os entrevistados.

Devo ainda salientar a total e imediata disponibilidade de ambos para a realização da entrevista, o que, na minha opinião, demonstra a total segurança que estes professores possuem na abordagem da temática em análise na entrevista.

3.4.2 - Síntese das entrevistas

Da entrevista realizada ao professor Aloísio, cuja formação de base refere ser Engenharia Informática e de Sistemas, será importante desde logo salientar a sua experiência enquanto professor. Nos vinte e cinco anos em que é professor desta escola, já lecionou cursos para adultos, que funcionavam em horário noturno, cursos tecnológicos, cursos profissionais, básico e mais recentemente as AEC's.

As AEC's são uma realidade que entraram na vida deste professor apenas neste ano letivo. Quando questionado acerca desta questão refere que, perante este facto, a sua reação foi de susto. Nunca tinha equacionado a hipótese de lecionar a uma faixa etária tão baixa pelo que referiu ter ficado bastante assustado com a realidade que se avizinhava reconhecendo mesmo

que não considerava ter capacidade suficiente para trabalhar com crianças em contexto sala de aula. Estando habituado a trabalhar com jovens adolescentes e a lidar com situações de indisciplina e de dificuldades de aprendizagem, considerou que nem a sua formação profissional nem a sua vasta experiência o tinha alguma vez preparado para este novo contexto profissional.

Quando questionado relativamente a esta nova experiência, o professor Aloísio referiu que, tendo trabalhado com turmas do 1.º, 2.º e 4.º ano, foram as turmas do 4.º ano que lhe deram uma experiência melhor, fundamentalmente porque tinha condições de trabalho que lhe permitiram desenvolver atividades de forma profícua. Refere que a sala de aula onde lecionou estava equipada com 15 computadores o que permitiu trabalhar com os alunos perfeitamente bem.

No que diz respeito às turmas do 1.º e do 2.º ano, com apenas um computador na sala de aula, considerou que o seu trabalho foi grandemente dificultado.

Salienta nesta entrevista, as dificuldades acrescidas que teve devido à falta de equipamentos nas salas de aula referindo mesmo que “é impossível dar aulas de informática sem equipamentos”. Na sua opinião, as crianças, especialmente numa faixa etária tão baixa, têm de experienciar, testar, interagir. O professor não pode expor os conteúdos, mostrá-los e terminar a aula sem que as crianças possam elas próprias experimentar tudo o que foi dito pelo professor.

Relativamente à evidente falta de equipamentos, refere que esta questão é da responsabilidade da Câmara Municipal, pelo que considera que estas entidades deveriam estar mais atentas ao facto de que “não basta oferecer este tipo de atividades, se há uma disciplina direcionada para as tecnologias, a Câmara deveria ter o cuidado de perceber, junto dos professores, que recursos eles necessitam para trabalhar”.

Quando questionado relativamente à importância que os alunos dão às AEC's, o professor Aloísio considerou que houve uma diferenciação clara entre os alunos do 4.º ano e os dos restantes níveis, tendo os do 4.º ano correspondido às suas expectativas. Desta forma, considera que os alunos do 1.º e do 2.º ano, quer porque alguns ainda nem sequer sabem ler, quer por falta de equipamentos que pudessem usar, não ficaram com uma ideia favorável relativamente às AEC's de TIC. Referiu o professor Aloísio que, na qualidade de Coordenador do grupo de Informática, irá sugerir na próxima reunião do Conselho Pedagógico, que estes alunos (1.º e 2.º ano) não tenham AEC's de TIC no próximo ano letivo sugerindo que as mesmas sejam

substituídas por “algo mais artístico, que envolva manuseio de matérias” por considerar que “nas condições existentes atualmente não vale a pena ter TIC”.

Relativamente à percepção que os pais/encarregados de educação têm das AEC's de TIC, o professor Aloísio considerou que os mesmos têm uma ideia negativa já que “os alunos querem trabalhar e não têm como fazê-lo”. Propor atividades para casa também se torna uma tarefa pouco comum já que nem todos os alunos têm computador e internet em casa. Alguns pais/encarregados de educação chegaram a sugerir que os alunos levassem os seus próprios equipamentos para a escola, no entanto, e porque também é preciso gerir essas diferenças na sala de aula, “para evitar que aqueles que não têm computador ficassem tristes ou magoados por ver o colega levar computador e ela não ter” optou por não permitir que os equipamentos pessoais fossem levados para a escola. Um outro ponto de vista também foi pensado, os alunos que possuíam equipamento informático poderiam partilhá-lo com os colegas; no entanto, uma vez que a maioria dos alunos não possuía um equipamento que pudesse levar para a escola, professor Aloísio optou por não enveredar por essa solução. O professor considerou ainda que a escola não pode defraudar as expectativas dos pais/encarregados de educação pelo que considera fundamental que a escola, nas suas várias estruturas, repense esta questão das AEC's de TIC e as condições em que elas ocorrem já que, neste ano letivo, teve situações em que alunos referiram que não queriam ir às AEC's de TIC porque não gostavam, e este tipo de situações reflete-se na opinião que alunos e pais/encarregados de educação têm destas atividades. De uma forma geral considerou que o sentimento maior relativamente a estas atividades é de “frustração porque vêm com a expectativa de utilizar o computador” o que depois não se verifica e esta situação tem repercussões nos pais/encarregados de educação que “ficam frustrados com a frustração dos filhos”.

Em contexto sala de aula, e numa tentativa de que os alunos pudessem utilizar o computador por pouco tempo que fosse, refere que o facto de ter de dividir uma hora de atividade por 20 crianças tornou-se uma tarefa quase impossível, já que o aluno que está no computador, por o utilizar pouco tempo “acaba por não fazer nada enquanto os outros, que não estão ocupados, estão a atrapalhar”. Relativamente ao 4.º ano, não se deparou com estas dificuldades já que a existência de equipamento permitiu uma “maior envolvência por parte dos alunos” justificada também pela idade mais avançada destes, quando comparados com as turmas do 1.º e 2.º ano. O facto de “os alunos puderem ter um resultado mais visível como por exemplo, criar um *blogue*

ou enviar um *e-mail*” teve reflexos na sua motivação e conseqüentemente na motivação do próprio professor.

Quando questionado relativamente ao balanço que faz das AEC's, quer a nível pedagógico, quer a nível pessoal, o professor Aloísio referiu que apenas “no 4.º ano as crianças atingiram plenamente os objetivos que tinha traçado inicialmente”. Já nas turmas do 1.º e 2.º ano refere sentir-se “frustrado, quer pedagogicamente quer pessoalmente” por não conseguir “fazer com eles o que tinha previsto inicialmente”. Refere ainda assim ter conseguido fazer muitas experiências que, no global, ficaram aquém daquilo que tinha previsto fazer com estes alunos. Justifica este sentimento de frustração e o facto de ter ficado longe das suas expectativas pela “falta de recursos em sala de aula” bem como reconhecendo a sua falta de “estrutura pedagógica para lidar com crianças”. Considera também fundamental repensar as escolhas relativamente aos professores que irão lecionar AEC's no próximo ano letivo já que será essencial escolher “professores que tenham perfil para trabalhar com crianças”.

Fazendo um balanço final, a nível pessoal, o professor Aloísio refere que, apesar da sua frustração, gostou do trabalho que desenvolveu e sentiu-se satisfeito principalmente quando teve situações onde, no final da aula, teve alunos que lhe disseram “Obrigado professor! Gostei muito da tua aula”. Considera que pequenos momentos como este mexem com questões emocionais e fazem valer a pena os esforços que diariamente se desenvolvem. Referiu que gostaria que os alunos do básico e secundário tivessem atitudes semelhantes pois tais atitudes teriam, com toda a certeza, reflexos nos seus professores. Ainda no campo pessoal, referiu que esta experiência teve repercussões nas suas aulas com os alunos dos graus de ensino mais elevados pois percebeu que a determinada altura teve de rever algumas das suas características em sala de aula porque refere ter começado a perceber que “as falhas verificadas em sala de aula nos alunos do secundário são fundamentalmente falhas que vêm do 1.º ciclo, por isso é preciso ter professores com perfil para trabalhar com crianças e que saibam ensinar para não termos os jovens que temos agora com problemas enormes”.

Por fim, quando questionado relativamente à importância de as AEC's de TIC serem lecionadas ou não por professores da área, considerou que “em primeiro lugar deve ser escolhido um professor da área, no entanto, a questão do perfil para trabalhar com crianças não deve ser esquecido pois nem todos têm esse perfil”.

Da entrevista realizada à professora Rosa, cuja formação de base refere ser Licenciatura em Engenharia Civil, importa desde logo salientar os seus 32 anos de experiência profissional que lhe dão uma visão muito mais vasta da realidade da escola e das mudanças ocorridas ao longo dos anos.

Maioritariamente, ao longo dos anos, lecionou quase exclusivamente a alunos do nível secundário, principalmente na parte tecnológica dos cursos profissionais. Neste ano letivo, foi a primeira vez que lecionou AEC's justificando tal facto com a necessidade de "composição dos horários".

Relativamente à reação que teve perante o facto de ter incluído no seu horário as AEC's de TIC, referiu que "não foi uma novidade porque já teria ouvido pela escola que as pessoas que estavam com carência de horas no horário talvez lhe fossem atribuídas horas nas AEC's", contudo, quando confrontada com o horário, refere ter ficado "bastante preocupada não pelos conteúdos a lecionar mas pela plateia" já que esta era uma área "completamente estranha por ter de lidar com faixas etárias tão baixinhas".

Aponta como dificuldades/constrangimentos "o estar com os alunos, saber lidar com aquela faixa etária". Aponta igualmente como constrangimento a falta de recursos informáticos na sala de aula dizendo mesmo que "é suposto as AEC's de TIC, para correrem bem, que haja equipamentos, e não há". Salientou o facto de, na maioria das salas de aula, existir apenas um computador ligado a um projetor e por isso está "a dar aulas de TIC sem computadores" o que, num outro ponto de vista, considera que "faz também puxar pela nossa criatividade aula a aula".

Quando questionada relativamente ao que exigiria para que pudesse desenvolver estas atividades de forma mais proveitosa, referiu que "exigiria muita coisa", nomeadamente "um computador para cada aluno ou para cada grupo de dois para conseguirmos trabalhar como deve de ser". A nível pessoal, e porque refere saber que está previsto na lei e que não lhes foi atribuído, exigiria o pagamento das deslocações. A professora Rosa considera que estas questões mexem "com os níveis de motivação, cansaço, desgaste material e pessoal" e vai "como sempre, tentando resolver da maneira possível o trabalho" que lhe é "imposto".

Face à importância que os alunos atribuem às AEC's, a professora Rosa é de opinião que "os alunos em si olham para as AEC's como horas de lazer, horas de ocupação de tempos livre, eles e os pais". Refere que sente que nas AEC's chegam mesmo a ser vistas com horas de

“*babysitting*” onde nem os alunos se mostram “predispostos a aprender o que quer que seja” e não mostram uma atitude de “querer aprender, de querer saber, de querer fazer”.

Relativamente à visão dos pais/encarregados de educação face às AEC's, considera que estes encaram estas atividades como uma forma de “os manter ocupados mais uma hora libertando-os a si próprios já que deixam os filhos entregues, ocupados e bem guardados”.

Fazendo um balanço das AEC's neste último ano letivo, a professora Rosa considera que a nível pedagógico existiram “situações pontuais que valeram a pena” e que alguns dos seus alunos “aprenderam a fazer coisas que lhes vão jeito para a vida”. Ainda a nível pedagógico, salienta que “especialmente nas AEC's de TIC, estas não deveriam ser dadas, nunca, a alunos do 1.º e do 2.º ano de escolaridade” pois considera que o facto de os alunos ainda não saberem ler nem escrever é um fator limitativo neste tipo de atividades e que “tudo tem um momento próprio para entrar”.

A nível pessoal considera que esta experiência contribuiu para treinar as suas competências “para daqui em breve ser avó”. Considera que é “reviver o estar com miúdos muitos pequeninos” mas que, para que o trabalho fosse feito de forma pedagogicamente séria, era fundamental que “as pessoas tenham formação específica para trabalhar com estas faixas etárias”. Sente que foi posta “no campo de batalha sem qualquer formação” e que se refugiou na sua experiência pessoal “enquanto mulher e enquanto mãe” para atuar junto destas faixas etárias.

Em jeito de conclusão admite sentir que tem condicionalismos que lhe permite afirmar que “este não é o meu sítio”.

3.4.3 - Análise das entrevistas

As entrevistas realizadas permitiram obter opiniões bastante interessantes e enriquecedoras quer do ponto de vista pedagógico quer do ponto de vista pessoal. A vasta experiência na área da educação dos dois entrevistados permitiu obter respostas importantes para o meu futuro profissional tanto na forma de encarar este tipo de atividades como na forma de lidar com a possibilidade de lecionar este tipo de atividades tendo de trabalhar com faixas etárias tão baixas.

Das entrevistas importa salientar os aspetos comuns referidos, nomeadamente, a falta de formação por parte dos professores para lecionar a faixas etárias tão baixas, a falta de motivação geral para trabalhar com crianças e a falta de recursos em sala de aula que pudessem ser uma mais-valia para estas atividades.

De uma forma geral, os professores, apesar de fazerem um esforço no sentido de desenvolver as atividades da melhor forma possível, sentem-se desmotivados e incapazes de as desenvolver da forma como gostariam.

O facto de estarem há muitos anos ligados ao ensino, e estando habituados a trabalhar maioritariamente com alunos do secundário, fazem-nos reconhecer que sentem muitas dificuldades na execução desta nova tarefa pelo que são de opinião que será fundamental repensar vários aspetos ligados às AEC's de TIC, tais como:

- atribuir, preferencialmente, as horas de AEC's de TIC a professores do grupo disciplinar 550 (Informática);
- atribuir essas mesmas horas apenas a turmas do 3.º e 4.º anos de escolaridade;
- dotar as salas de aula com equipamentos informáticos suficientes para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade;
- atribuir essas horas a professores que demonstrem ter perfil para trabalhar com crianças;
- criar condições para que os professores que lecionem AEC's possam ter atempadamente formação nesta área tão particular que é o trabalho com crianças.

Estes foram os pontos-chave referidos na entrevista por ambos os entrevistados. Esta consonância de ideias merece uma especial atenção já que, sendo uma opinião partilhada pelos entrevistados, em várias reuniões do grupo disciplinar de Informática onde estive presente, pude perceber que é também a opinião generalizada dos professores que lecionam as AEC's de TIC.

Capítulo 4 - Análise e discussão da intervenção

Feito o balanço de toda a minha intervenção, são muitos os aspetos que agora importam salientar.

Começando pela observação de aulas, importa salientar a sua importância quer a nível das relações interpessoais quer ao nível dos impactos pedagógicos no decorrer da intervenção. A observação de aulas permitiu-me conhecer os alunos antes de efetuar um trabalho propriamente dito com eles o que, em termos pedagógicos, é uma mais-valia. Conhecer os alunos antecipadamente permite ter uma visão mais geral dos seus comportamentos, gostos pessoais e formas de estar em sala de aula que permitiu, na fase da intervenção em sala de aula, adequar desde logo estratégias no sentido de minimizar alguns dos problemas detetados inicialmente.

Também nesta fase de observação de aulas, os alunos puderam interagir comigo num contexto menos formal, pois, só mais tarde, me viram no papel de sua professora. Esta situação permitiu estreitar laços com os alunos, o que, nestas faixas etárias, é fundamental para o desenvolvimento de um trabalho profícuo. O trabalho com crianças é, por si só, um trabalho que requer uma relação afetiva pelo que a construção saudável desta relação é um ponto de partida indispensável.

Após esta fase de observação, durante a qual foram ocorrendo contactos, no sentido de interagir com os alunos, estreitar relações e perceber qual a estratégia a implementar em sala de aula, optei fundamentalmente pela diversificação de atividades, ou seja, abordando os tópicos inicialmente previstos, procurei diversificar atividades com o intuito de captar a atenção dos alunos. O principal motivo que levou a esta escolha foi a constatação de que a generalidade dos alunos apresentava dificuldades de atenção/concentração em tarefas mais longas sendo necessário, com alguma frequência, interromper a aula para restabelecer a ordem. Neste sentido, as tarefas mais pequenas, implicam que os alunos tenham de, em vários momentos da aula, prestar atenção às novas indicações do professor para a realização da tarefa seguinte. Dentro destas atividades, procurei levar os jogos para dentro da sala de aula com o propósito de cativar os alunos despertando a sua atenção. Aliar os jogos à educação, tal como refere Kirriemuir, permite não só aproveitar a motivação natural associada aos jogos tornando a aprendizagem mais divertida, como desenvolver a ideia de que a criança “aprende fazendo”, o que é possível em jogos como simulações (Kirriemuir, 2004, p. 4). Desta forma os jogos,

quando usados convenientemente, são considerados fortes ferramentas de aprendizagem. No entanto, para que os mesmos possam efetivamente entrar na sala de aula e produzirem os efeitos esperados, os professores devem primeiro tomar consciência do papel significativo e do potencial que os jogos podem ter no sector da educação e precisam de entender melhor o potencial e a diversidade de tais ferramentas (Kirriemuir, 2004, p. 28).

É com base nesta ideia que, quer na minha opinião, quer na dos professores que lecionaram AEC's neste ano letivo no Agrupamento Figueira Mar, as AEC's de TIC devem, em primeiro lugar, ser lecionadas por professores do grupo disciplinar de Informática, já que estarão eventualmente mais aptos e serão mais conhecedores das potencialidades da utilização das novas tecnologias em sala de aula. Estarão, de igual forma, mais capacitados para contornar o problema da falta de recursos tecnológicos pois, à partida, possuirão um leque de alternativas mais abrangente que, em princípio, lhes permitirá mais facilmente contornar esse tipo de problemas.

Apesar das dificuldades encontradas em contexto sala de aula, tais como a irrequietude dos alunos e a evidente falta de recursos informáticos, considero que, ainda assim, consegui ultrapassar esses problemas e desenvolver com os alunos atividades que os motivaram, lhes despertaram o interesse e lhes permitiram ampliar as suas competências ao nível da utilização das novas tecnologias. Neste campo, fazendo um balanço global do trabalho desenvolvido, considero que a minha intervenção teve sucesso pois foi possível realizar com os alunos um trabalho que, aliando os jogos, a brincadeira e as novas tecnologias, teve impactos ao nível da sua literacia digital. Uma vez que, segundo Miranda, o objetivo da literacia digital é “apoiar os professores e alunos a iniciar ou melhorar as suas competências e conhecimentos nesta área, desenvolver atitudes positivas face ao computador e à Internet e diminuir a ansiedade face ao seu uso e aprendizagem” considero que consegui atingir este objetivo (Miranda, 2007, p. 43).

Tendo em conta a análise que os professores que lecionaram AEC's de TIC neste ano letivo, em que, fazendo um balanço geral, consideraram que este tipo de atividades devem apenas ser lecionadas a alunos dos 3.ºs e 4.ºs anos de escolaridade, cabe-me discordar com este ponto de vista pois, tal como refere Velázquez, os computadores e a internet “apresentam um enorme potencial para a educação, pois oferecem à criança oportunidades diferenciadas de comunicação, criatividade e de socialização” (Velázquez, 2013, p. 48). As novas tecnologias estão, hoje em dia, presentes em todas as idades e a sua utilização é praticamente inata. As crianças e os jovens são apresentados como naturalmente capazes de entender e manipular as

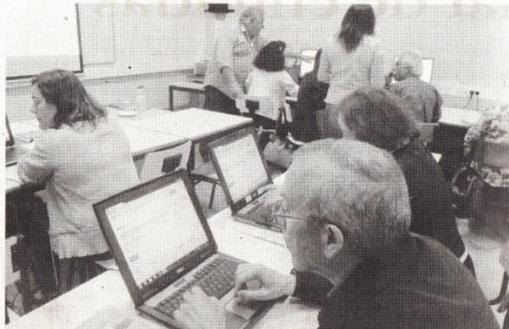
novas tecnologias, pois já nasceram rodeados por elas (Prensky, 2001). Desta forma, considero que só não é possível introduzir as novas tecnologias nas salas de aula do 1.º e do 2.º ano se se optar por um ensino tradicional recorrendo simplesmente ao método expositivo. De igual forma, não podemos reduzir o campo de atuação das novas tecnologias à utilização pura e simples dos computadores já que a utilização das novas tecnologias em sala de aula é muito mais do que isso. Ensinar brincando é uma ideia que deve estar presente no dia-a-dia escolar destas crianças, logo, cabe a cada professor ser suficientemente conhecedor de formas alternativas de ensinar bem como de novas ferramentas potencialmente interessantes para estas crianças.

Para além das atividades desenvolvidas com estas crianças em sala de aula, a minha área de intervenção abrangeu também atividades desenvolvidas no contexto geral da comunidade educativa. Embora estando à partida consciente de que o papel do professor não se pode reduzir exclusivamente ao contexto sala de aula, com as atividades desenvolvidas pude vivenciar que, de facto, só com o contributo de todos os elementos da comunidade educativa se consegue construir uma escola de todos e para todos.

De uma forma geral, considero que a participação, organização e dinamização de atividades promove uma cultura de inter-relacionamentos entre professores, alunos e funcionários que não seria possível se cada elemento da comunidade escolar se fechasse nas suas tarefas exclusivamente profissionais e obrigatórias.

Do conjunto de atividades diversificadas em que estive envolvida, todas elas tiveram algum impacto positivo quer a nível pessoal quer a nível profissional. Também o reconhecimento público do trabalho desenvolvido como um contributo positivo no público-alvo de cada uma dessas atividades, teve impactos, já que, é esse reconhecimento que motiva cada um dos dinamizadores para que novas atividades sejam pensadas e colocadas em prática. Para além do reconhecimento demonstrado pelos intervenientes diretos em cada uma das atividades dinamizadas, o trabalho desenvolvido foi igualmente reconhecido pelas estruturas dirigentes. Neste sentido, as atividades dinamizadas foram amplamente divulgadas através do *website* do Agrupamento e do *blogue* da Biblioteca Escolar mas também em jornais locais de referência.

Formação em Ferramentas WEB na Bernardino Machado



A Escola Secundária Dr. Bernardino Machado dinamiza o seu primeiro ciclo de formação em Ferramentas Web 2.0 para os docentes do Agrupamento de Escolas Figueira Mar. Com o apoio da direção deste Agrupamento, a Biblioteca Escolar em articulação com o grupo de Informática promovem este primeiro ciclo de formação que se considera fundamental para a aquisição e desenvolvimento de novas competências a nível tecnológico e digital. Desta forma, estimulando a cooperação entre as várias entidades pedagógicas da comunidade educativa, o Agrupamento encontra-se enquadrado no novo paradigma educacional, de modo a garantir um ensino de qualidade aos nossos jovens.

As formações dinamizadas pela mestranda em Ensino de Informática pela Universidade do Minho, Susana Oliveira, e pelos professores João Santos, Aloísio Faria e Fátima Costa ganharam impacto junto dos professores. Assim, foram calendarizadas novas datas para dar continuidade a este ciclo.

O diretor do Agrupamento, Pedro Mota Curto, considera esta prática de absoluta importância na atual sociedade do conhecimento, pelo que nos próximos anos a Escola continuará a promover outros ciclos que sejam os motores de transformação das aprendizagens com vista ao verdadeiro sucesso escolar e educativo dos alunos.

Imagem 14 - Notícia de divulgação da ação de formação Ferramentas Web 2.0

Este reconhecimento é um dos fatores que influencia diretamente a motivação de quem organiza, dinamiza e participa o que, seguramente, se repercute de forma positiva nas suas atividades profissionais.

Capítulo 5 – Considerações finais

Quando atingimos o momento em que estamos a terminar um processo, tendencialmente olhamos para trás e procuramos refletir acerca do trabalho desenvolvido, o que foi efetivamente realizado, o que poderia ou deveria ter sido feito e não foi, o que gostaria de repetir e o que mudaria se pudesse recomeçar novamente.

Pensando em todas estas questões, considero que apesar de muito ter sido feito, algo terá ficado por fazer. Neste momento, poderia voltar ao Agrupamento de Escolas que me acolheu e

recomeçar a minha intervenção com novas ideias e novas sugestões. Considero que este sentimento só existe impulsionado pelas pessoas que, na escola, mais diretamente me ajudaram a chegar a este momento, nomeadamente o Professor Aloísio Faria, a Professora Fátima Costa e a Professora Rosa Carvalho. Este grupo de professores promove diariamente um espírito de cooperação, partilha, empenho e dedicação contagiante com o qual eu me identifico.

Este tipo de atitude perante a escola é, sem dúvida, promotora de um ambiente favorável à aquisição de competências e terá impactos na formação dos alunos que a frequentam.

Sendo este o momento de fazer um balanço do trabalho realizado, posso referir que foram muitas as dificuldades com que me deparei ao longo da intervenção. A vontade de fazer teve muitas vezes de superar as limitações em termos de tempo e só com muito empenho foi possível realizar todas as tarefas a que me propus e que me foram propostas.

Na fase de observação de aulas, embora a minha integração no contexto sala de aula tenha sido facilmente aceite, desde muito cedo os professores com quem desenvolvia a minha intervenção foram solicitando ajuda no sentido de dar sugestões que os pudessem ajudar na realização da tarefa de lecionar AEC's a uma faixa etária tão baixa já que, também para eles esta era uma realidade bastante recente. Esta questão levantou alguns problemas, nomeadamente no que diz respeito ao facto de eu também não ter qualquer experiência nesta área tão particular. Assim, desde muito cedo, a minha intervenção que ainda estava na fase de mera observação de aulas, passou a ser também um trabalho colaborativo através de debates de ideias com os professores que lecionavam as AEC's.

Já na fase da intervenção em sala de aula propriamente dita, a maior dificuldade foi o controlo dos alunos em termos comportamentais. Neste aspeto, e na continuidade do que havia sido feito até então, também os professores titulares das turmas assumiram um papel de entreaajuda e intervieram nas aulas no sentido de me ajudar nesta tarefa. Desta forma, considero que posso assumir que foi realizado um trabalho colaborativo o que se repercutiu numa redução significativa da indisciplina inicialmente verificada. Segundo Cook, trabalho colaborativo pode ser definido como dois ou mais profissionais que dão instruções a um grupo de alunos num único espaço físico (Cook & Marilyn, 1995, p. 2).

Durante essa fase, procurei ainda perceber de que forma poderia integrar os jogos e a brincadeira na sala de aula pois desde cedo percebi os potenciais que esta estratégia poderia ter em termos de motivação e empenho no sentido de ser possível atingir os objetivos propostos.

Em termos profissionais, esta experiência foi bastante enriquecedora já que tive oportunidade de partir de um ponto em que a experiência era nula e pude progredir dia após dia aprendendo a contornar obstáculos e a (re)definir estratégias no sentido de promover nos alunos as competências inicialmente previstas. Em termos pessoais, esta foi igualmente uma experiência enriquecedora já que o contacto/trabalho com crianças me deu um prazer especial pelo gosto inato que tenho em lidar com crianças.

Fazendo um balanço das atividades que foram desenvolvidas no contexto geral da comunidade educativa, tendo em conta os pressupostos já apresentados que me levaram à participação nas mesmas e tendo em conta os impactos referidos pelo público-alvo, o balanço só pode ser bastante positivo e gratificante. O reconhecimento pessoal e público do nosso trabalho é sempre um fator motivador e que nos faz continuar a ter vontade de fazer mais e melhor. Foi o que aconteceu com as atividades em que estive envolvida.

No âmbito do desenvolvimento da componente investigativa deste projeto, o grande desafio a que me propus inicialmente foi o de perceber de que forma um informático poderia ensinar crianças pequenas nesta tarefa de iniciação à informática e de que forma estariam, ou não, os professores, habituados a trabalhar com faixas etárias mais elevadas, preparados para esta nova realidade.

De facto, pude constatar que as dificuldades referidas pelos professores que entrevistei são muitas. A motivação é um ponto fundamental já que considero que esse é o motor primordial no desenvolvimento de qualquer tarefa. Os professores entrevistados, como já foi referido na análise efetuada às entrevistas, indicam como estratégias facilitadoras da execução destas atividades, a atribuição das horas de AEC's de TIC a professores do grupo disciplinar 550 (informática) pois consideram que esses professores estarão mais capacitados e dotados de novas ferramentas que poderão ajudar na execução desta tarefa; reforçam ainda a necessidade de dotar as salas de aula com equipamentos informáticos suficientes para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade que consideram ser um outro ponto fundamental para a resolução de alguns problemas com que se viram confrontados; referiram que será igualmente importante detetar

atempadamente quais os professores que têm perfil para trabalhar com crianças para que lhes possam atribuir essas mesmas horas. Por último, apontaram como estratégia a implementar no próximo ano letivo a criação de condições para que os professores que lecionem AEC's possam ter atempadamente formação nesta área tão particular como é o trabalho com crianças.

Todas estas questões referenciadas pelos professores entrevistados me parecem bastante pertinentes e merecedoras de uma reflexão séria por parte da estrutura dirigente da escola. Segundo informações prestadas pelo Coordenador do grupo disciplinar de Informática, todas elas serão alvo de análise em reunião do Conselho Pedagógico que ocorrerá no final deste ano letivo.

Será importante também, como foi possível perceber através da análise das entrevistas, não defraudar as expectativas nem dos alunos nem dos pais/encarregados de educação relativamente às AEC's. Pais/encarregados de educação e alunos esperam que nas AEC's de TIC o acesso às novas tecnologias ocorra de forma efetiva. Se é possível afirmar que poderá ser difícil explicar a um grupo de crianças que a AEC de TIC decorrerá sem o recurso a computadores, mais difícil será de explicar a mesma situação aos pais/encarregados de educação desses mesmos alunos. Para além disso, é fundamental que todos percebam que é possível aprender TIC sem que tenham um computador à sua frente pois só desta forma os pais/encarregados de educação entenderão também essa possibilidade. Neste caso, as crianças que frequentam estas atividades são o principal meio de transmissão informação para casa, pelo que, é importante que elas tenham uma boa impressão destas atividades.

De qualquer forma, e apesar dos obstáculos com que me deparei, considero que as TIC podem ser usadas no 1.º Ciclo como ferramenta facilitadora de uma articulação curricular quando utilizadas para desenvolver projetos baseados no paradigma integrador do conhecimento (Alonso, 2005). Usando as tecnologias como parceiras no processo educativo é possível potenciar a utilização das tecnologias digitais como sendo um aliado nesse mesmo processo.

A forma como as tecnologias são usadas na escola devem sofrer uma alteração, ou seja, o papel tradicional da tecnologia enquanto um mero recurso para utilização do professor deve dar lugar ao uso da tecnologia como parceira no processo educativo. Neste sentido, será importante perceber a importância de atribuir as horas de TIC exclusivamente a professores do grupo disciplinar 550 pois “por si só, as TIC não são obstáculo nem significam progresso ou

democratização. (...) Não basta proporcionar aos cidadãos o acesso, é necessário melhorar a sua autoconfiança para comunicar eficazmente com as TIC” (Valente, 2011, p. 53). Um professor de informática terá um maior conhecimento das potencialidades que as TIC podem proporcionar na sala de aula, por isso, poderá mais facilmente rentabilizar os recursos existentes em prol de um ensino mais eficaz.

Tal como refere Papert, “o efeito positivo ou negativo das tecnologias é uma questão em aberto, dependendo muito da ação consciente e crítica que venha a ser feita pelos seus utilizadores” (Papert S. , 1997, p. 8). Por isso, será fundamental efetuar um trabalho sério e profícuo aquando do contacto das crianças com as novas tecnologias o que, em minha opinião, só poderá ser feito por alguém com experiência na área das TIC. “Na sociedade moderna, o conhecimento estático não tem mais lugar, e a busca da informação para a construção dinâmica do conhecimento é uma realidade. Todos os que se encontram no processo de aprendizado, em qualquer área, deparam-se com uma torrente de informações acima da capacidade humana de absorção. É nesse contexto que o computador pode ser inserido na educação, uma ferramenta tecnológica que pode ser usada para auxiliar a condução do aluno na busca prazerosa da descoberta, em administrar as informações, de forma a estar sempre atualizado e bem informado” (Oliveira & Porrozi, 2009, p. 54).

O efetivo recurso das tecnologias nas escolas, nomeadamente no contexto sala de aula, é ainda um privilégio de alguns professores e alunos. Apesar do Plano Tecnológico ter dotado muitas escolas com recursos tecnológicos, ainda muito há para fazer nesse sentido. Mas o que mais parece influenciar a utilização das TIC em sala de aula é, sem dúvida, a postura que cada professor assume perante as novas tecnologias já que, tal como refere Miranda, “uma sólida formação técnica e pedagógica dos professores bem como o seu empenhamento são determinantes” (Miranda, 2007, p. 48).

Será também fundamental pensar no uso das tecnologias não como “apêndices” das restantes atividades curriculares, mas como um domínio tão ou mais importante que os restantes que existem nas escolas pois só desta forma se conseguirá generalizar o uso das tecnologias no ensino (Miranda, 2007, p. 48). No entanto, é fundamental ter consciência de que “a exposição a ambientes cada vez mais ricos em TIC traz novos desafios e novas preocupações à educação. Se, por um lado podem melhorar os processos de ensino e de aprendizagem, possibilitando a customização dos materiais pedagógicos e a sua adequação a cada criança, por outro podem

criar novas formas de segregação digital se a customização e adequação falhar.” (Valente, 2011, p. 53)

Uma vez que esta minha investigação tinha como principal foco de análise a visão dos professores enquanto professores das AEC's de TIC, como sugestão para um projeto futuro, penso se seria interessante analisar mais profundamente as questões relacionadas com as AEC's, desta vez, focando mais a investigação na perceção dos alunos e dos pais/encarregados de educação. Considero que, cruzando os dados que obtive com os dados obtidos da investigação direcionada para os alunos e pais/encarregados de educação, poderiam surgir dados interessantes que talvez pudessem, de alguma forma, fazer com que todos os intervenientes nestas atividades percebessem o ponto de vista uns dos outros e, dessa forma, pudessem efetuar um verdadeiro trabalho de equipa com vista à melhoria da qualidade do ensino.

Termino este Mestrado com a certeza de que a realização do mesmo contribuiu de forma efetiva para a ampliação dos meus conhecimentos e perceções ao nível do ensino, não só na área específica da Informática mas também do ensino em geral.

Anexos



CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certifica-se que _____ participou na
ação de formação **Ferramentas Web 2.0 - Prezi** que decorreu na sede do Agrupamento de
Escolas Figueira Mar nos dias **7 e 14 de maio de 2014**.

Figueira da Foz, 14 de maio de 2014

A formadora

(Susana Oliveira)

O Diretor do Agrupamento

(Dr. Pedro Curto)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FIGUEIRA MAR

SEDE: Escola Bernardino Machado

Rua Visconde da Marinha Grande, nº 15
3080-135 Figueira da Foz

Telefone 233 407 970
Telemóvel 960 141 333
Fax 233 425 058

Escola Infante D. Pedro

Rua do Rio de Cima
Buarcos
3080-289 Figueira da Foz

Apartado 44 – Buarcos
3080-601 Figueira da Foz

Telefone: 233401310
Fax: 233401319

EMAIL

direcao@aefigueiramar.pt
secretaria@aefigueiramar.pt

Este Guia foi elaborado pela estagiária do Mestrado em Ensino de Informática (Universidade do Minho), Susana Oliveira, sob orientação do professor Aloísio Faria, da Escola Secundária Dr. Bernardino Machado.

Foi elaborado enquanto parte integrante da atividade “*Dia Cultural*” em colaboração com o grupo disciplinar de informática.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FIGUEIRA MAR



**Agrupamento de
Escolas Figueira Mar**

**Dia Cultural
4 de Abril de 2014**

**Email institucional
&
Moodle**

E-mail institucional e Moodle

E-mail institucional

Como sabes, o e-mail é uma forma rápida, eficaz e barata de divulgar informação e de estar em contacto com o mundo que nos rodeia.

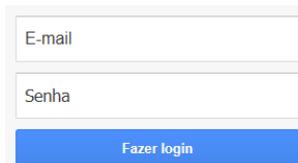
Tendo em conta todas as vantagens associadas ao seu uso, o nosso agrupamento criou um e-mail institucional para cada elemento da comunidade educativa que será usado para enviar informação oficial da escola.

Já podes neste momento, entrar nesse e-mail e começar a usá-lo.

- Entra na internet e acede ao website:

www.gmail.com

- Insere o teu novo endereço de e-mail e palavra passe (já te foi dado pela escola, no entanto, se não o souberes solicita-o novamente).



- Será semelhante ao seguinte:

a-susanaoliveira@aefigueiramar.pt

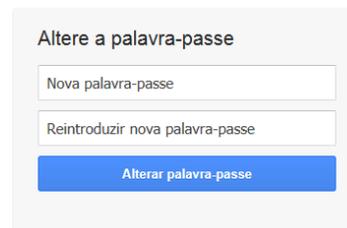
a de aluno o teu nome e apelido o agrupamento

- Escolhe a opção:

Aceito. Continuar para a minha conta.

- De seguida, altera a tua palavra passe. Sugere-se que uses a mesma palavra passe no e-mail da escola e na plataforma moodle. A palavra passe tem obrigatoriamente de conter 8 caracteres no mínimo. Podes utilizar a tua palavra passe do teu email pessoal ou facebook e acrescentar no final da tua palavra passe os seguintes caracteres: Aa1.

Exemplo: **facebookAa1.** ou **Palavra.passe1**



- A partir de agora já podes usar o teu e-mail. Consulta-o com alguma frequência pois será um dos meios utilizados pela escola para te enviar informações importantes.
- Todos alunos com menos de 13 anos completos, **não podem atualizar a data de nascimento** no perfil pessoal, pois a conta ficará bloqueada, sem hipóteses de recuperação da mesma

DÚVIDAS

Perdeste ou esqueceste-te da palavra passe do e-mail ou da plataforma moodle? Não tens acesso à tua conta?

Envia um e-mail para

moodle@aefigueiramar.pt

e solicita uma nova palavra passe. Não te esqueças de indicar o teu nome, número, turma e, se souberes, o teu número de processo.

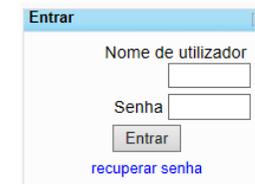
Plataforma Moodle

A plataforma moodle é um plataforma educacional onde professores e alunos podem manter um contacto mais regular e onde os alunos poderão aceder aos materiais disponibilizados por cada um dos seus professores.

Podes aceder à plataforma moodle em:

<http://esdbmachado-m.ccems.pt/>

Insere o nome de utilizador e palavra passe que te foram dadas



Tal como aconteceu na primeira utilização do e-mail, também aqui terás obrigatoriamente de alterar a palavra passe. A sugestão é que uses a mesma do e-mail para que não te esqueças dela. Tem de incluir pelo menos uma letra maiúscula, uma minúscula, um número e um símbolo.

Exemplo: **facebookAa1.** ou **Palavra.passe1**

Ao aceder a cada uma das disciplinas, se te for solicitada uma palavra chave, solicita-a ao respetivo professor da disciplina.

Agrupamento de Escolas Figueira Mar

Formação ferramentas Web 2.0



Apresentações Prezi

GRUPO DE INFORMÁTICA

BIBLIOTECA ESCOLAR

Figueira da Foz
2014

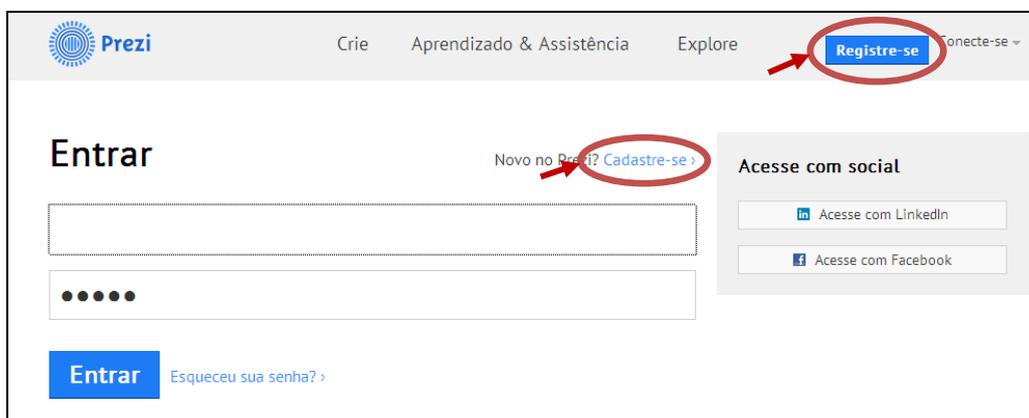
Prezi

O **Prezi** é uma ferramenta vocacionada para a construção de apresentações eletrónicas com potencialidades não incluídas no tradicional *PowerPoint*. Permite criar apresentações de alto impacto através do conceito de apresentações de zoom, reduzindo e ampliando imagens e textos de uma forma cativante.

Acesso e registo

Aceda ao link **www.prezi.com/login**

Na primeira utilização é necessário efetuar o registo. Faça-o através de umas das opções a seguir indicadas:



Existem vários tipos de licenças para usar esta ferramenta:

Bem vindo. Como você gostaria de usar Prezi?

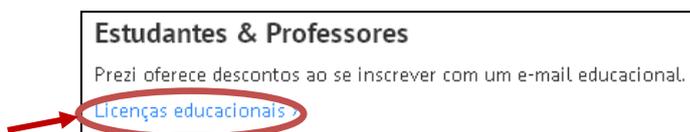
Continue como um usuário Público gratuito. Todas as apresentações estarão visíveis publicamente e você estará limitado a edição online do prezi.com.

Continue com apresentações públicas

Enjoy	Pro	Equipes
		
Tenha privacidade em suas apresentações	Make presentations private and edit offline with Prezi for Mac/Windows	Prezi para a sua equipe ou organização
\$4.92/month (\$59 billed annually)	\$13.25/month (\$159 billed annually)	Preços baseados na quantidade. (billed annually)
Comece o mês gratuito	Comece o mês gratuito	Comprar licenças para sua equipe

Uma das opções será usar a opção “**Continue com apresentações públicas**” (esta é opção que vamos usar nesta formação). De salientar que, desta forma, o registo é gratuito mas não existe controlo de privacidade relativamente às apresentações criadas pois todas elas serão públicas.

Uma vez que todos os professores/alunos possuem um e-mail institucional. Sugere-se a utilização do mesmo escolhendo a seguinte opção:



De seguida podemos escolher a **Edu Enjoy** opção que, para além de gratuita, permite controlo de privacidade das apresentações.

Depois de escolher a opção “**Continue com apresentações públicas**”, surge a página onde são solicitados alguns dados pessoais. Preencha devidamente os campos solicitados:

Registrar-se na Prezi

Você selecionou a licença "Public access" por \$0/ano

Suas informações pessoais

Nome	Sobrenome
E-mail	
Senha	
Re-digitar senha	

Cadastre-se Eu aceito os [termos de uso](#).

O registo está concluído! Relembra-se que este processo só necessita de ser feito uma única vez. Nas próximas utilizações, basta inserir o e-mail e password usados durante este registo.

A partir deste momento poderemos criar apresentações, organizá-las em pastas e partilhá-las com outras pessoas indicadas por nós.

Começar uma nova apresentação

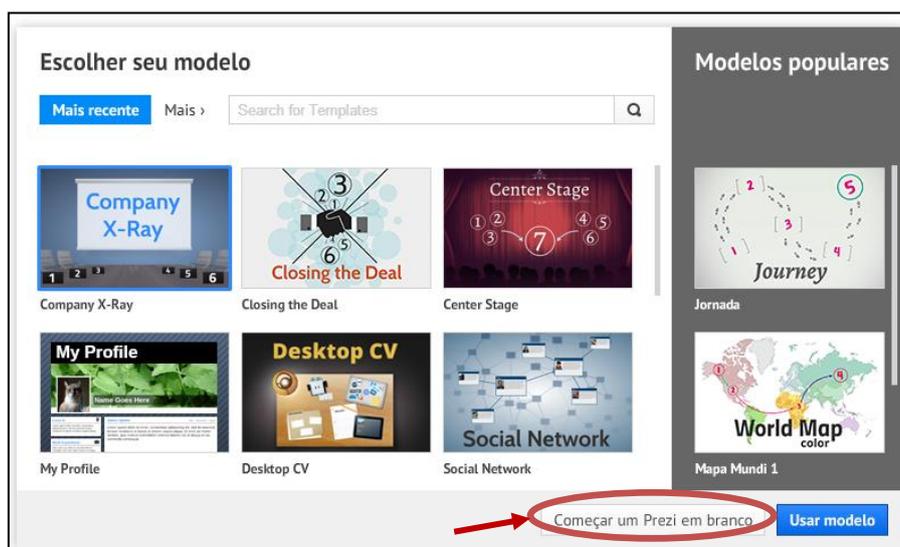
Para começar uma nova apresentação usamos o botão “Novo prezi”



Depois podemos optar por criar a apresentação usando um dos modelos existentes ou por começar um prezi em branco.

Nesta formação vamos começar pelo mais difícil! Iremos começar com um prezi em branco. Depois de saber criar prezis em branco, será muito mais fácil recorrer aos modelos pois já estarão familiarizados com todas as funcionalidades que a ferramenta disponibiliza.

Vamos então escolher a opção “Começar um Prezi em branco”:

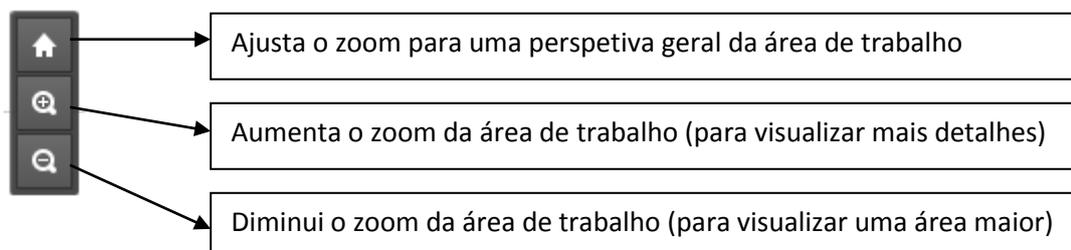


Este é o aspeto que deverá encontrar:

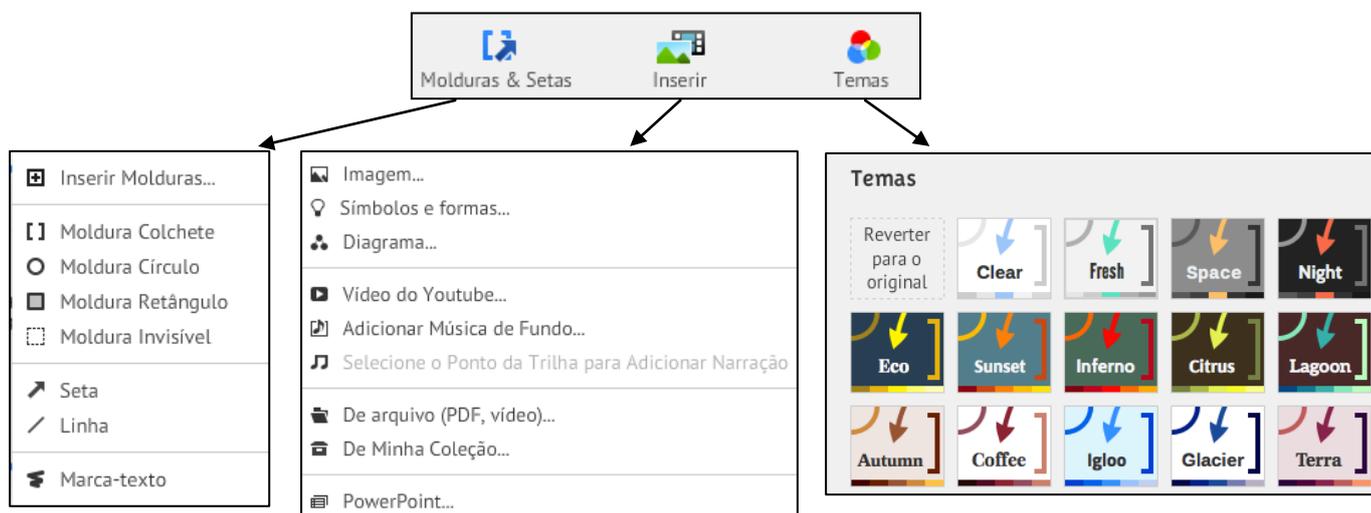


A área à direita corresponde à área de trabalho semelhante a uma “cartolina” onde iremos colocar todas as “peças” que irão compor a apresentação. A área à esquerda conterá uma miniatura de cada “peça” que compõe a apresentação ordenada sequencialmente.

É possível aumentar ou diminuir o zoom da área de trabalho parando o rato na zona mais à direita o que faz surgir um botão semelhante ao seguinte:



Os três botões existentes no topo da página, permitem o acesso a quase todas as funcionalidades:



Também na parte superior da área de trabalho, podemos encontrar as seguintes opções:



A partir de agora, o princípio de funcionamento baseia-se na ideia de acrescentar “peças” à área de trabalho que poderão estar umas dentro de outras consoante se trata de pormenorizar um determinado assunto ou de dar início a um novo assunto. Vamos ver um exemplo concreto:

O tema geral é “Informática”, e serão abordados dois subtemas diferentes “Hardware” e “Software”.

Esquematizando ficaria assim:

- **Informática**
 - **Software**
 - *Software de sistema*
 - Windows Vista
 - Windows 7
 - *Software de aplicação*
 - Word
 - Excel
 - **Hardware**
 - Teclado
 - Rato
 - Monitor

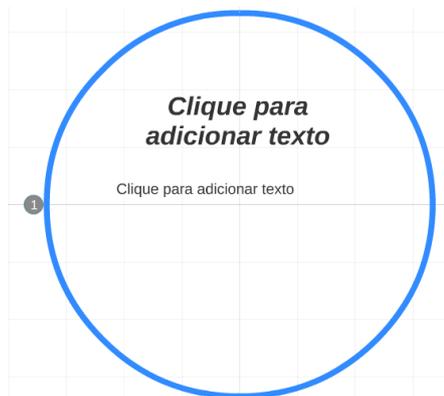
No Prezi, poderia ser esquematizado da seguinte forma:



Vamos construir um exemplo semelhante a este para se familiarizarem com a ferramenta:

Tarefa 1

Estando posicionados na área de trabalho inicial, já existe por defeito uma moldura circular que, neste caso, vamos usar para construir a apresentação mas, poderia ser alterada para outro tipo de moldura (colchete, retângulo ou invisível).



Podemos aproveitar as duas caixas já existentes para inserir o título principal da apresentação e o subtítulo.

*Para isso clicamos em cima de cada uma das caixas que indicam “Clique para adicionar texto” e inserimos nos devidos locais o tema principal *Informática* e o subtema *Vamos abordar os conceitos de hardware e Software*.*

Atenção! Para inserir o texto, devemos mover o rato por cima da frase “Clique para adicionar texto” e só devemos clicar quando surgir uma caixa azul a rodear a área onde pretendemos inserir o texto:

**Clique para
adicionar texto**

A primeira tarefa está terminada quando a apresentação tiver este aspeto:



Neste momento estamos em condições de movimentar o texto dentro da moldura e de formatar o texto.

Para movimentar as caixas de texto devemos:

- clicar fora das caixas de texto para que o texto inserido seja assumido pela ferramenta
- mover o rato por cima da caixa que se pretende deslocar e clicar apenas quando surgir uma moldura azul a rodear o texto

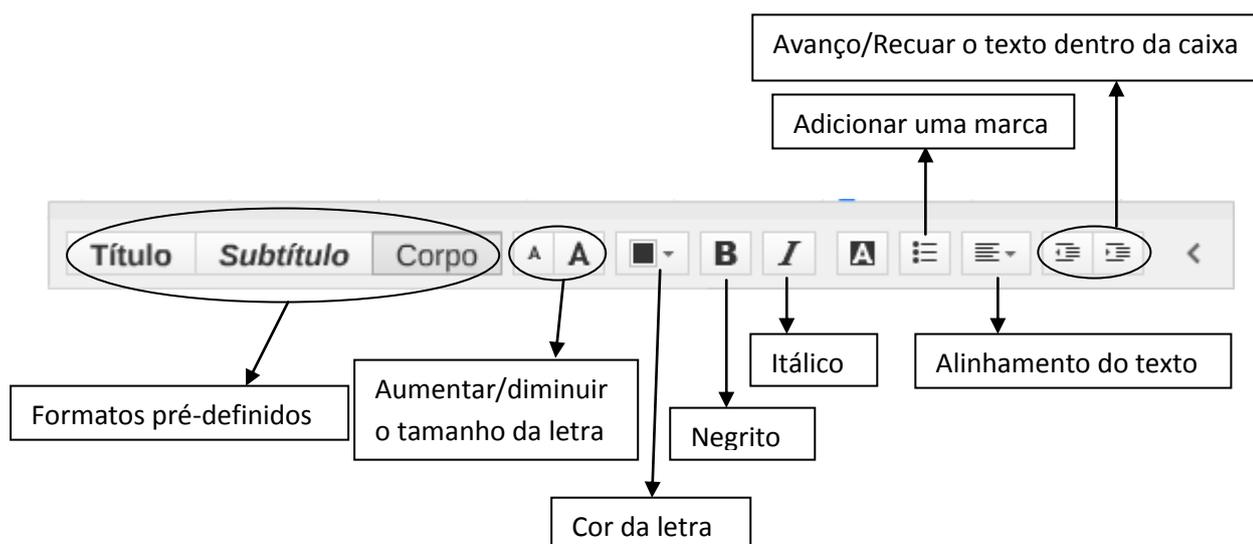


Podemos mover o texto clicando na mão  que surge ao centro.

O mais  e o menos  permitem aumentar ou diminuir o tamanho da caixa e, consequentemente, do texto nela contida.

Existem ainda a opção  **Editar Texto** que permite alterar o texto e a opção  **Deletar** para apagar a caixa que contém o texto.

Quando estamos no modo de edição do texto, surge automaticamente uma caixa de ferramentas que permite a sua formatação em termos tamanho, cor, alinhamento, etc...



Tarefa 2

Altere o tamanho e a posição das caixas de texto de forma a que fique com o seguinte aspeto:



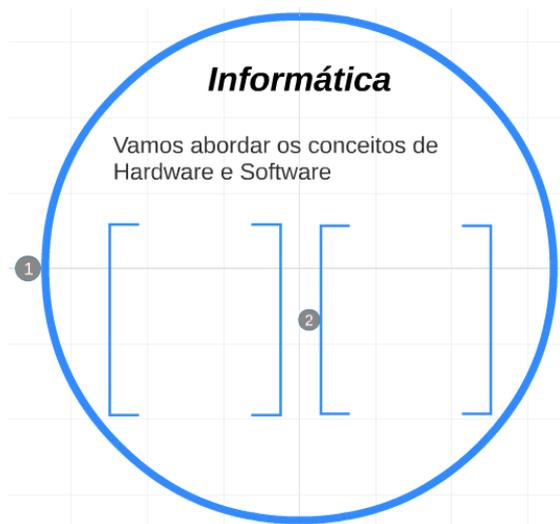
Tarefa 3

Podemos agora acrescentar mais molduras para ir acrescentando mais informação

Insira duas molduras do tipo “Moldura Colchete” e posicione-as lateralmente dentro da moldura circular que já existe.

Para isso acedemos ao menu superior e escolhemos **Molduras & Setas** / **Moldura Colchete**.

A apresentação deverá agora ficar com o seguinte aspeto:



É mais fácil trabalhar em cada uma das molduras de forma individual, para isso, podemos de forma rápida, ajustar a área de visualização à moldura que pretendemos trabalhar. A forma mais rápida de o fazer é clicar no limite da moldura em causa e fazer duplo clique ou escolher a opção

 Zoom até a Moldura.

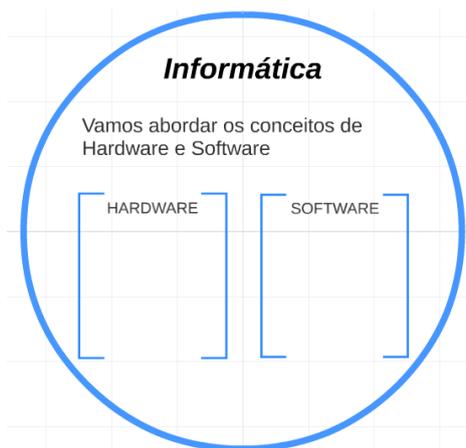
Tarefa 4

Clique no limite da moldura da esquerda e aumente o zoom da mesma (duplo clique no limite da moldura ou botão “Zoom até à moldura”).

Insira, na parte superior dessa moldura, o texto *Hardware* (clique com o rato na zona onde pretendemos inserir o texto e surge automaticamente uma área para escrever).

Repita os procedimentos na moldura da direita para inserir o título *Software*.

O aspeto final deverá ser semelhante ao seguinte:



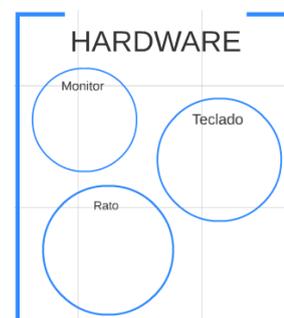
Tarefa 5

Volte a fazer zoom na moldura relativa ao *Hardware*.

Vamos agora adicionar, dentro dessa, três molduras do tipo *Moldura Circular (Molduras & Setas / Moldura Círculo)*.

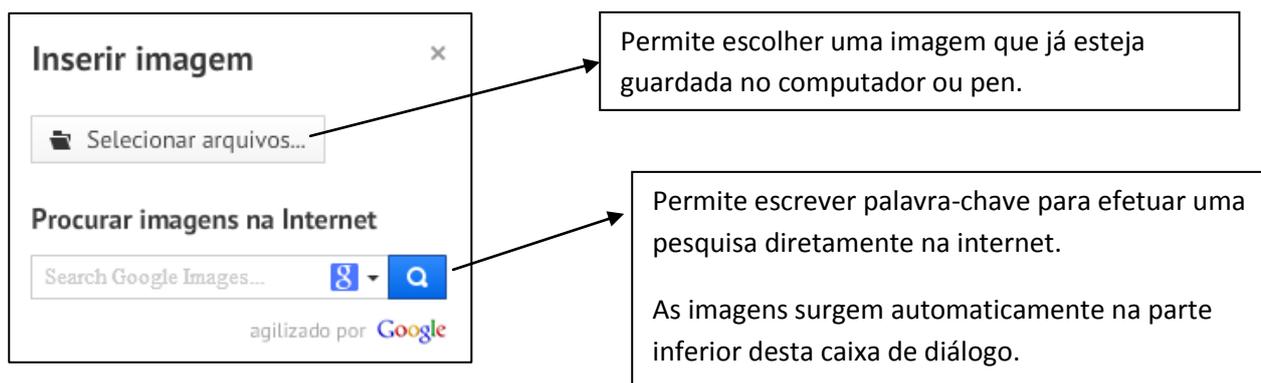
A moldura deverá ficar com um aspeto semelhante ao da figura ao lado.

Insira em cada uma das molduras criadas os títulos *Monitor*, *Teclado* e *Rato*.



O Prezi permite a inserção de imagens. A grande vantagem é que, para além de permitir a inserção de imagens a partir do computador ou pen, permite também efetuar uma pesquisa de imagens na internet e a sua inserção direta na apresentação.

Ao escolhermos a opção **Inserir / Imagem** surge na lateral direita da área de trabalho uma caixa de diálogo que nos permite inserir imagens:



Inserir imagem

Selegonar arquivos...

Procurar imagens na Internet

Search Google Images...  

agilizado por 

Permite escolher uma imagem que já esteja guardada no computador ou pen.

Permite escrever palavra-chave para efetuar uma pesquisa diretamente na internet.

As imagens surgem automaticamente na parte inferior desta caixa de diálogo.

Tarefa 6

Faça zoom no círculo correspondente ao Monitor.

Escolha a opção **Inserir / Imagem**.

Na caixa de procura de imagens na internet, escreva monitor e clique na lupa  para efetuar uma pesquisa de imagens.

Faça duplo clique na imagem de um dos monitores que lhe irão surgir para a inserir na apresentação.

Repita os procedimentos anteriores para inserir uma imagem de um rato (informática rato) e de um teclado (teclado) nas respetivas molduras.

O aspeto final deverá ser semelhante ao seguinte:



Tarefa 7

A moldura relativa ao Hardware está concluída.

Agora faça zoom na moldura da esquerda (relativa ao Software).

Insira duas molduras do tipo retângulo (**Molduras & Setas / Moldura Retângulo**)

Faça zoom na moldura retângulo da esquerda e sequencialmente, efetue os seguintes procedimentos:

- Insira o texto *Software de sistema* no topo da moldura
- Insira uma moldura do tipo moldura invisível (**Molduras & Setas / Moldura Invisível**)
- Faça zoom na moldura invisível
- Insira o texto *Windows Vista*
- Insira uma imagem do logotipo do windows vista (**Inserir / Imagem / escrever na caixa de texto de procura Logo Windows Vista e carregar na lupa / duplo clique em cima da imagem que se pretende inserir**)

- Volte a fazer zoom na moldura retângulo
- Insira, um pouco mais abaixo, uma moldura do tipo moldura invisível (**Molduras & Setas / Moldura Invisível**)
- Faça zoom na moldura invisível que acabou de criar
- Insira o texto *Windows 7*
- Insira uma imagem do logotipo do windows 7 (**Inserir / Imagem / escrever na caixa de texto de procura Logo Windows 7 e carregar na lupa / duplo clique em cima da imagem que se pretende inserir**)

Neste momento o aspeto deverá ser semelhante ao seguinte:



Tarefa 8

Dentro na moldura relativa ao software, ainda nos falta terminar a moldura retângulo do lado direito.

Faça zoom nessa moldura e efetue os seguintes procedimentos:

- Insira o texto *Software de aplicação*
- Insira uma moldura do tipo moldura invisível (**Molduras & Setas / Moldura Invisível**)
- Faça zoom na moldura invisível
- Insira o texto *Microsoft Word*
- Insira uma imagem do logotipo do Microsoft Word (**Inserir / Imagem / escrever na caixa de texto de procura Logo Microsoft Word e carregar na lupa / duplo clique em cima da imagem que se pretende inserir**)
- Volte a fazer zoom na moldura retângulo
- Insira, um pouco mais abaixo, uma moldura do tipo moldura invisível (**Molduras & Setas / Moldura Invisível**)
- Faça zoom na moldura invisível que acabou de criar
- Insira o texto *Microsoft Excel*
- Insira uma imagem do logotipo do Microsoft Excel (**Inserir / Imagem / escrever na caixa de texto de procura Logo Microsoft Excel e carregar na lupa / duplo clique em cima da imagem que se pretende inserir**)

Neste momento o aspeto deverá ser semelhante ao seguinte:



Neste momento, em termos de conteúdo da apresentação, está tudo inserido.

Podemos agora definir o “trilho” da apresentação, ou seja, a ordem pela qual pretendemos que esses mesmo conteúdos sejam mostrados durante a apresentação. Na verdade, o que temos de indicar é a ordem pela qual pretendemos ir mostrando as várias molduras que já estão criadas.

Para definir o trilho devemos clicar no botão  que se encontra na lateral esquerda na nossa área de trabalho. Depois vamos clicando de forma sequencial nas molduras pela ordem sequencial pretendida.

Para facilitar o processo, antes de iniciar a “edição da trilha”, devemos carregar no botão  para ter uma imagem global dos conteúdos da apresentação.

Tarefa 9

Clique no botão 

Clique nas seguintes molduras sequencialmente:

- *A que contém o texto Informática*
- *A que contém o subtema da apresentação*
- *A que contém o Hardware*
- *A que contém o Software*
- *Novamente a que contém o Hardware*
- *A que contém o monitor*
- *A que contém o teclado*
- *A que contém o rato*
- *Novamente a que contém o Software*
- *A que contém o Software de sistema*
- *A que contém Windows Vista*
- *A que contém Windows 7*
- *Novamente a que contém o Software de sistema*
- *A que contém o Software de aplicação*
- *A que contém Microsoft Word*
- *A que contém Microsoft Excel*
- *A que contém o Informática*

Os números apresentados indicam a ordem pela qual os conteúdos irão surgir:



Este é um exemplo da sequência pela qual os conteúdos podem ser apresentados, no entanto, o utilizador, poderá escolher a sequência que pretender.

Depois de definir o trilho, podemos fazer uma pré-visualização da apresentação usando o botão **Apresentar** existente no canto superior esquerdo.

Em baixo, podemos clicar nas setas (direita ou esquerda) para avançar ou recuar na apresentação. Também poderão ser usadas as setas direcionais (direita ou esquerda) do teclado.

Abrir uma apresentação já existente

Depois de terminar sessão, podemos, a qualquer altura, voltar a abrir uma apresentação já existente e voltar a editá-la.

Para isso, basta fazer login na página do Prezi e, passando o rato em cima da apresentação que se pretende modificar, e clicar no botão **Editar**.



Guardar a apresentação em pdf ou em formato portátil

À medida que vamos elaborando a apresentação, podemos ir guardando as alterações usando o botão  que existe na parte superior da barra de ferramentas.

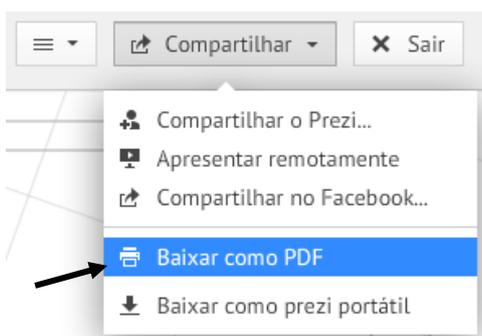
As apresentações podem ser guardadas dois formatos distintos:

- Em **pdf** – preferencialmente usado quando se pretende imprimir a apresentação
- Em **formato portátil** – quando se pretende levar o ficheiro em modo de apresentação podendo assim se visualizado sem que seja necessária ligação à internet.

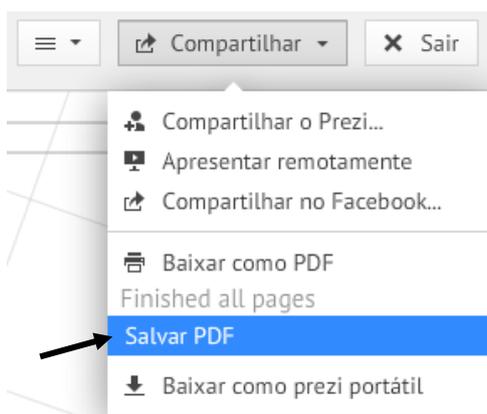
Guardar a apresentação em pdf

Antes de guardar a apresentação em modo pdf, é fundamental que o “trilho” esteja definido pois cada sequência do “trilho” corresponderá a uma página diferente.

Para guardar a apresentação em formato pdf basta usar a opção Compartilhar / Baixar como PDF, existente no canto superior direito.

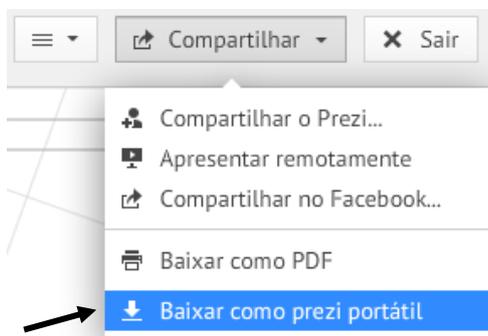


Depois de escolher esta opção, o menu altera-se e fica disponível a opção Salvar PDF que permite guardar o ficheiro no computador num local que o utilizador indicar.



Guardar a apresentação em formato portátil

Para guardar a apresentação num formato portátil, devemos aceder ao mesmo menu do que o anterior mas escolher a opção **Baixar como prezi portátil**.



É feito para o computador (normalmente para a pasta transferências) o download de um ficheiro Zip que contém a apresentação.

Para a abrir a apresentação, deverá descompactar esse ficheiro e abrindo a pasta, escolher o ficheiro Prezi.exe (ficheiro que tem o logotipo do Prezi).



Tópicos a abordar na próxima sessão...

- Inserção de vídeos na apresentação
- Formatação da apresentação com recurso a “temas”
- Personalização dos “temas” em termos de tipo de letra e cor
- Função de “Auto Play”
- Partilha das apresentações com outras pessoas

2ª Sessão de formação

Revisão de conceitos da primeira sessão

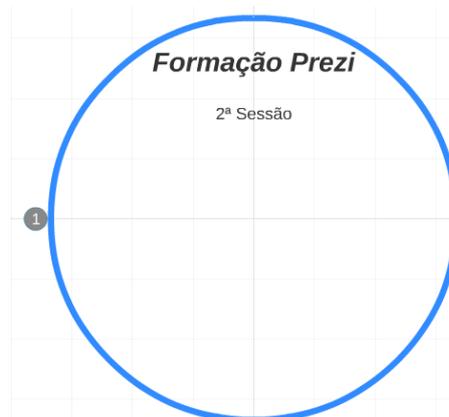
Vamos rever alguns conceitos da primeira sessão.

O objetivo é elaborar uma apresentação Prezi em branco para depois usarmos nesta segunda sessão.

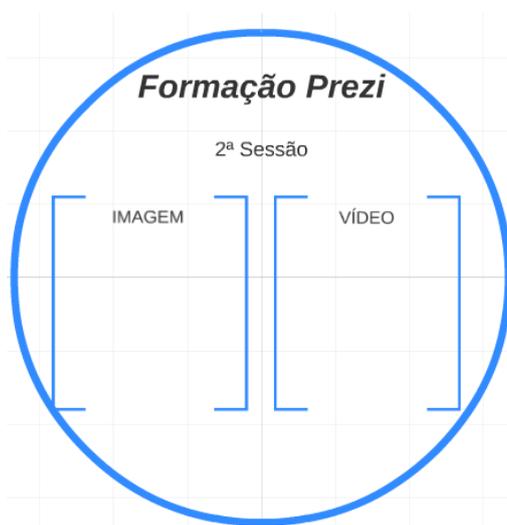
Tarefa 1

Comece uma nova apresentação Prezi em branco usando a opção **“New Prezi”** / **“Começar Prezi em branco”**.

Como título, insira o texto **“Formação Prezi”** e no subtítulo escreva **“2ª Sessão”**. Arraste as respetivas caixas de texto de modo a que a apresentação fique com o seguinte aspeto:



De seguida, insira duas molduras Colchete com os títulos **“Imagem”** e **“Vídeo”**. (Molduras e Setas / **Moldura Colchete**).



Vamos agora inserir uma imagem na moldura correspondente à imagem. (**Inserir** / **Imagem** / **Selecionar arquivos**).

Estamos agora em condições de dar início a novas funcionalidades.

Inserir outro tipo de ficheiros na apresentação (Vídeo, Power Point, Pdf, Música, etc...)

Algumas destas opções só estão disponíveis se houver uma ligação à internet.

Para inserir esses ficheiros usamos, tal como para as imagens, o menu Inserir.

Podemos indicar um link para um vídeo que esteja disponível no *youtube*

Podemos escolher uma música que esteja previamente guardada no nosso computador para servir de música de fundo da apresentação.

Podemos escolher um ficheiro (vídeo, pdf, Power Point, etc...) que já exista no nosso computador.

De salientar que, relativamente ao vídeo, para que este inicie automaticamente aquando da apresentação, quando definirmos a trilha, um dos pontos da trilha tem de ser o próprio vídeo e não a moldura onde este está inserido.

Na opção “De arquivo (PDF, vídeo)...” podemos inserir ficheiros já existentes no nosso computador. Para tal, o Prezi faz a conversão desses ficheiros antes de os importar para a apresentação.

No caso de se importar um ficheiro de Power Point já existente, existem um conjunto de opções que podemos escolher. Vamos explorá-las um pouco...

Inserir um ficheiro de Power Point

Como já foi referido, para inserir um ficheiro de Power Point previamente existente, usamos a opção Inserir / De arquivo (PDF, vídeo)...

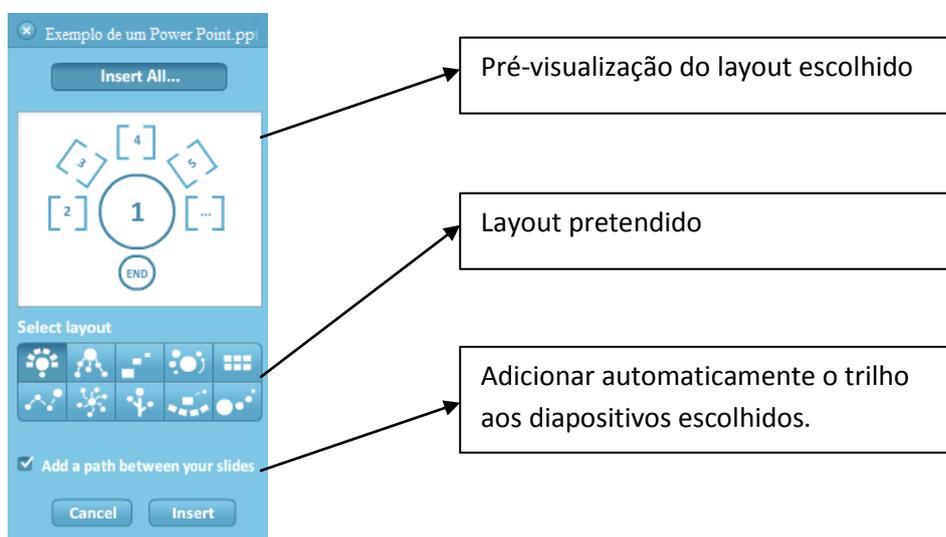
Usando a caixa de diálogo que surge em seguida, escolhemos a ficheiro Power Point que existe no computador.

Quando o escolhemos para o inserir, surge uma caixa na lateral direita que nos permite escolher algumas opções:



Neste caso podemos optar por escolher todos os diapositivos através do botão “*Insert All*”, ou escolher apenas alguns deles.

Quando escolhemos essa opção, podemos em seguida indicar qual o aspeto que pretendemos para os novos diapositivos:



Normalmente, perdem-se algumas formatações, pelo que é necessário recolocar os vários objetos no local correto.

Formatação da apresentação com recurso a “temas”

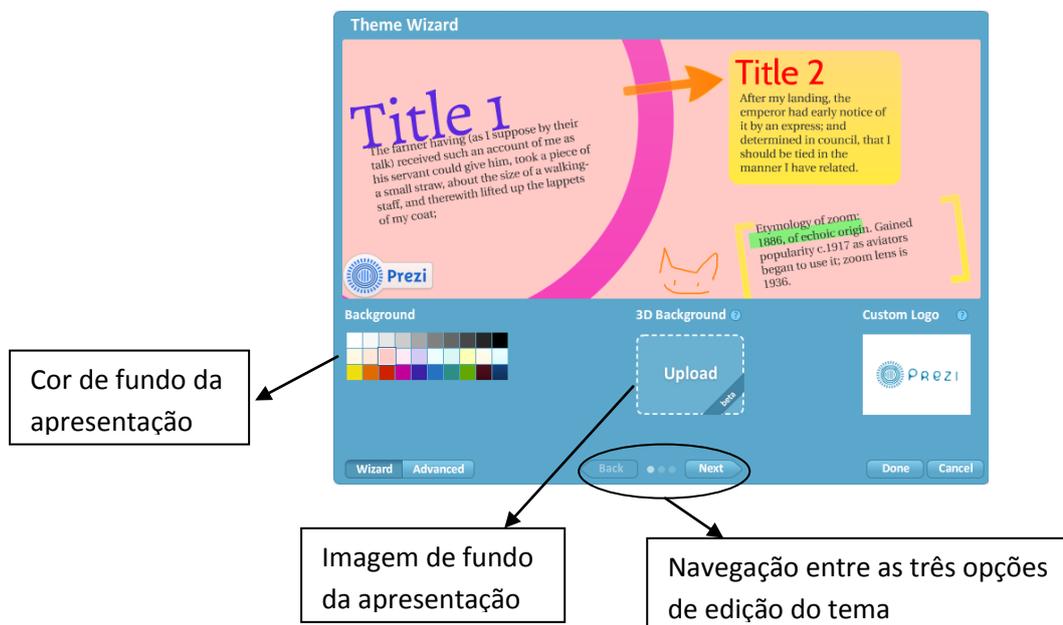
Os “temas” são formatos pré-definidos existentes no Prezi. Eles permitem uma formatação rápida em termos de fundos, cores, tipos e tamanhos de letra.



Ao escolher um tema, este é aplicado automaticamente a todas as molduras existentes.

Todos os temas são personalizáveis em termos de cores e tipos de letra. Para isso, voltamos ao menu “Tema” e escolhemos a opção “Editar tema atual”.

No modo de edição do tema, surge uma caixa de diálogo que, na parte superior terá a pré-visualização do tema e, na parte inferior, terá as definições personalizáveis pelo utilizador:



Quando clicamos no botão “Next” surgem mais opções configuráveis:

Tipo de letra e cor dos títulos principais

Tipo de letra e cor do corpo do texto

Tipo de letra e cor dos subtítulos

Cor da linha da moldura círculo

Cor da linha das setas e linhas

Cor da linha das molduras retângulo e colchete

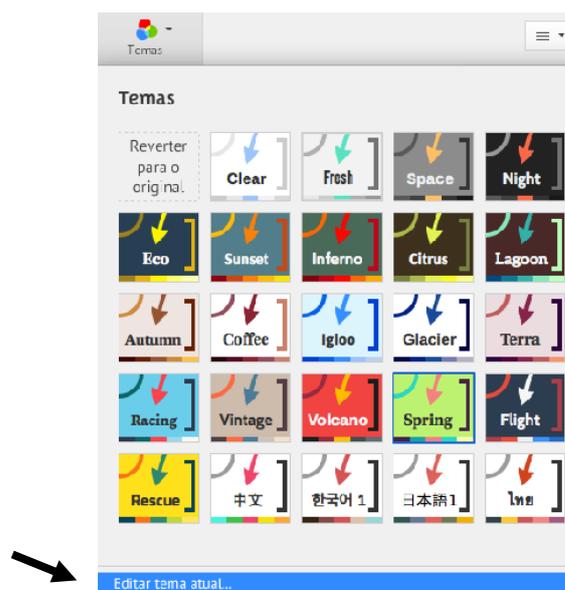
Cor da linha do marcador do fundo do texto

Tarefa 2

Altere o tema da apresentação para o tema “**Spring**” (**Menu Temas / Spring**).



Edite o tema ao seu gosto alterando a cor da letra, tipo de letra, cor de fundo, etc... (menu Temas / Editar Tema Atual)



Não se esqueça de usar o botão “Next” para percorrer todas as formatações disponíveis.

Inserir símbolos e formas

Para complementar a apresentação, ou simplesmente para a embelezar, o Prezi disponibiliza um conjunto de símbolos e formas que podem ser facilmente adicionados.

Para isso, podemos usar o menu *Inserir / Símbolos e formas*. Automaticamente, surge na lateral direita uma caixa de diálogo que permite escolher o símbolo ou forma que se pretende adicionar.

Nesta caixa de diálogo existem diversas categorias que contêm formas e símbolos passíveis de serem adicionados à apresentação.

Para isso basta escolher uma das categorias para visualizar os símbolos/formas que dela fazem parte e depois fazer duplo clique em cima do símbolo/forma que se pretende adicionar.



Tarefa 3

Aceda ao menu ***Inserir*** e escolha a opção ***Símbolos e formas***.

Clique na categoria *Adesivos* e insira na apresentação um símbolo igual ao que se segue:

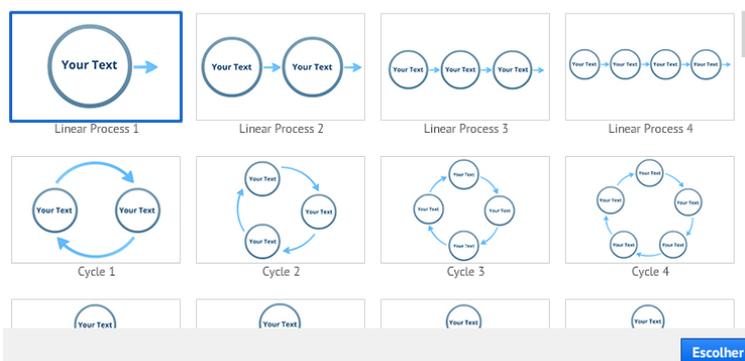


Inserir diagrama

Um diagrama é um esquema previamente personalizado e que nos permite simplesmente inserir informação.

A opção *Inserir / Diagrama* faz surgir uma caixa de diálogo com os vários diagramas existentes permitindo ao utilizador escolher o que considerar mais adequado:

Inserir diagrama

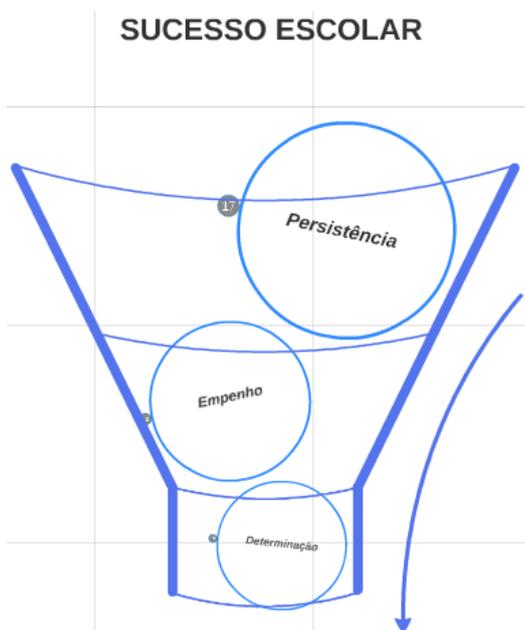


Tarefa 4

Faça zoom de forma a ter uma visão global da apresentação. Poderá para isso usar o botão  que encontrará se deslocar o rato até à lateral direita da área de trabalho.

Aceda ao menu **Inserir** e escolha a opção **Diagrama**.

Dos diagramas que lhe são disponibilizados, escolha o que se chama **Funnel 1**.



Preencha as caixas de texto necessárias para obter um resultado semelhante ao seguinte:

Comece por escrever no título “**Sucesso escolar**”, na moldura circular superior “**Persistência**”, na seguinte “**Empenho**” e na última “**Determinação**”.

As caixas de texto que não precisar, pode eliminá-las clicando com o botão do rato em cima de cada uma delas e escolher a opção **Excluir**.

Função de auto Play

Esta função permite no momento da apresentação, definir uma temporização para o caso de pretendermos que a apresentação avance sem a intervenção do utilizador.

Para definir essa temporização temos de colocar a apresentação em modo de apresentação usando para isso o botão  **Apresentar**.

Já no modo de apresentação, no canto inferior direito, surge um botão que nos permite escolher o tempo que deve passar entre um ponto da trilha e o seguinte. A temporização escolhida fica aplicada a todos os pontos da trilha.



Partilha de ficheiros

As apresentações elaboradas online no Prezi são, por defeito, públicas (exceto no caso de, aquando do registo, ter sido criada uma conta institucional onde a licença é diferente da licença comum).

De qualquer forma, podemos partilhar as apresentações por nós elaboradas com outras pessoas.

Podemos fazê-lo indicando-lhe o *link* onde a nossa apresentação está disponível ou enviando-lhe um *e-mail* convidando-o a ser editor ou espetador da nossa apresentação.

Compartilhar prezi

Meu primeiro Prezi



This prezi is Public

Anyone can view it with the link below:

Copiar link

I'm okay with people **reusing** my prezi.

Note: unchecking this will not make your prezi private.
[Upgrade](#) for more privacy control.

Invite people

+ Adicionar pessoas por email...

Espectador ▾

Adicionar

AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO

FERRAMENTAS Web 2.0 – Prezi

Relativamente à avaliação global a formação indique como considera que:		1	2	3	4	5	
A formação agradou-lhe?	Pouco						Muito
Os conteúdos abordados na formação pareceram-lhe adequados ao seu nível de conhecimentos?	Inadequado						Muito adequado
Os objetivos propostos foram cumpridos?	Minimamente cumpridos						Totalmente cumpridos
A formação correspondeu às suas expetativas iniciais?	Minimamente						Totalmente

Relativamente ao desempenho da formadora, acha que esta:		1	2	3	4	5	
Foi clara na apresentação dos objetivos pedagógicos/de aprendizagem a alcançar?	Pouco claro						Totalmente claro
Dominava os conteúdos que ministrou?	Fraco domínio						Bom domínio
Conseguiu motivar os formandos?	De forma insuficiente						De forma excelente
Foi clara nas intervenções realizadas?	Pouco claro						Muito claro
Desenvolveu metodologias pedagógicas adequadas ao público-alvo?	Fraco desenvolvimento						Excelente desenvolvimento
Demonstrou ao grupo as aplicações práticas dos conteúdos em estudo?	De forma insuficiente						De forma excelente
Demonstrou interesse pelas dificuldades dos formandos?	Fraco interesse						Muito interesse

		1	2	3	4	5	
A qualidade e adequação da documentação distribuída.	Muito fraca						Muito boa
A qualidade e adequação das instalações e condições ambientais.	Muito fracas						Muito boas
A qualidade dos equipamentos informáticos usados:							
Vídeoprojetor	Muito fraca						Muito boa
Computador	Muito fraca						Muito boa
Internet	Muito fraca						Muito boa
A duração da ação.	Insuficiente						Mais que necessário
O horário da ação de formação.	Inadequado						Totalmente adequado

Comentários e/ou sugestões:

Obrigada pela sua participação.

Susana Oliveira

Proposta de Plano de Aula

EB1 do Serrado

ATIVIDADE DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR: Tecnologias de Informação e Comunicação

TEMA: Segurança na internet

DURAÇÃO: 60 minutos

Conteúdo geral	Segurança na Internet
Competências	<p>Saber como agir perante questões relacionadas com a segurança na internet</p> <p>Consciencialização para os perigos inerentes à utilização da internet</p> <p>Consciencialização para situações frequentes ocorridas no âmbito da utilização da internet bem como estratégias a adotar para as minimizar</p> <p>Perceber o impacto que determinadas situações terão em cada criança enquanto ser individual bem como nos seus pares</p>
Metodologias/Estratégia	<p>Apresentação do tema bem como da sua pertinência no âmbito da comemoração da “Semana da Internet mais segura 2014”</p> <p>Visualização de dois vídeos animados alusivos ao tema “Segurança na Internet”</p> <p>Debate com os alunos acerca do conteúdo de cada um dos vídeos visualizados</p> <p>Partilha de experiências vivenciadas no dia-a-dia pelos alunos</p> <p>Utilização do jogo “Barómetro dos sentimentos” com posterior debate acerca de conclusões da retirar dos resultados obtidos</p> <p>Apelo à participação de todos os alunos nas várias atividades envolvendo-os de forma a ativa</p>
Recursos	<p>Videoprojector</p> <p>Quadro</p> <p>Materiais de apoio fornecidos pela professora</p>
Avaliação dos alunos	<p>Observação direta.</p> <p>Os alunos serão avaliados pelo interesse, atenção e empenho manifestados no decorrer da atividade.</p> <p>Serão também elementos de avaliação o saber ser/estar.</p>

Proposta de Plano de Aula

EB1 do Serrado

ATIVIDADE DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR: Tecnologias de Informação e Comunicação

TEMA: Comemoração do dia da árvore

DURAÇÃO: 60 minutos

Conteúdo geral	Gravação de som
Competências	Conhecer um software de gravação de som Interagir com o microfone e <i>phones</i> aquando da gravação de som através do computador
Metodologias/Estratégia	Elaboração de uma história multimédia alusiva ao Dia da Árvore - Gravação de sons - Ilustração de imagens alusivas à história Apelo à participação de todos os alunos nas várias atividades envolvendo-os de forma a ativa
Recursos	Computador Microfone Phones
Avaliação dos alunos	Observação direta. Os alunos serão avaliados pelo interesse, atenção e empenho manifestados no decorrer da atividade. Serão também elementos de avaliação o saber ser/estar.

Proposta de Plano de Aula

EB1 do Serrado

ATIVIDADE DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR: Tecnologias de Informação e Comunicação

TEMA: Livro Interativo Multimédia

DURAÇÃO: 60 minutos

Conteúdo geral	Construção de um livro interativo multimédia Interação com a aplicação EdiLim na construção de um jogo interativo multimédia
Competências	Perceber as potencialidades de um livro interativo multimédia Interagir com um livro interativo multimédia usando um livro já criado Criar novas tarefas num livro interativo multimédia
Metodologias/Estratégia	Solicitar aos alunos que interajam com o livro multimédia já criado no sentido de perceberem as potencialidades do mesmo Apelar à participação de todos os alunos nas atividades, envolvendo-os de forma a ativa, pedindo sugestões de atividades para criar no livro interativo
Recursos	Computador Videoprojector
Avaliação dos alunos	Observação direta. Os alunos serão avaliados pelo interesse, atenção e empenho manifestados no decorrer da atividade. Serão também elementos de avaliação o saber ser/estar.

Referências bibliográficas

Alonso, M. L. (2005). *Reorganização curricular do ensino básico: Potencialidades e implicações de uma abordagem por competências* (Vol. In Actas do 1.º Encontro de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico). Areal Editores.

Araújo, M. J. (2009). In *Crianças ocupadas. Como algumas opções erradas estão a prejudicar os nossos filhos*. Lisboa: Prime books.

Ausubel, D. P., Novak, J. K., & Hanesian, H. (1980). *Psicologia Educacional* (2ª edição ed.). Rio de Janeiro: Interamerica, Lda.

Castells, M., & Cardoso, G. (4 e 5 de março de 2005). *A sociedade em rede - do conhecimento à acção política*. Obtido em 3 de junho de 2014, de Debates da Presidência da República: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade_em_Redde_CC.pdf

Coll, C., Martín, E., Mauri, T., Miras, M., Onrubia, J., Solé, I., & Zabala, A. (2001). *O construtivismo na sala de aula*. (M. Goldfeder, Ed.) São Paulo: Editora Ática.

Cook, L., & Marilyn, F. (1995). *Co-Teaching: Guidelines for creating effective practices. Focus on Exceptional Children*. Obtido em 27 de junho de 2014, de [http://plaza.ufl.edu/mrichner/Readings/Cook%20&%20Friend%20\(1995\).pdf](http://plaza.ufl.edu/mrichner/Readings/Cook%20&%20Friend%20(1995).pdf)

Correia, C. S. (Julho de 2012). *A brincar também se aprende*. Obtido em 13 de maio de 2014, de http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/614/TM_PE_CATIACARVALHO_2012.pdf?sequence=4

Costa, P. (2012). *Newsletters - Universidade do Minho*. Obtido em 3 de junho de 2014, de http://www.uminho.pt/Newsletters/HTMLExt/38/website/conteudo_758.html

DAPP, M. d.-D. (2002). *As TIC e a qualidade das aprendizagens, estudos de caso em Portugal*.

Dias, P. M., & Osório, A. J. (Maio de 2011). VII Conferência Internacional de TIC na Educação - Challenges 2011. *Perspectivas de Inovação*. (U. d. Minho, Ed.) Braga, Portugal.

Dicionário de Língua Portuguesa (8ª ed.). (2013). Porto Editora.

IGE. (2013). *Avaliação Externa das Escolas - Relatório de Escola*. Obtido em 2013 de outubro de 2014, de https://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2011_DRC/AEE_11_Ag_Buarcos_R.pdf

Kirriemuir, J. (2004). *Literature review in games and learning*. Obtido de University of Bristol: <http://telearn.archives-ouvertes.fr/docs/00/19/04/53/PDF/kirriemuir-j-2004-r8.pdf>

Livro Verde para a Sociedade da Informação. Missão para a Sociedade de Informação. (1997).

Maximiano, A. M. (2008). *A motivação dos professores*. Universidade Estadual de Londrina.

ME. (2001). Decreto-lei nº6/2001 de 18 de janeiro. Ministério da Educação.

ME. (2008). Decreto-Lei nº3/2008 de 7 de janeiro. Ministério da Educação.

MEC. (2013). *Despacho nº9265-B/2013*. Obtido em 4 de novembro de 2013, de <http://dre.pt/pdf2sdip/2013/07/134000001/0000200005.pdf>

Miranda, G. L. (maio e agosto de 2007). Revista de Ciências e Educação. *Limites e possibilidades das TIC na educação*, pp. 41-50.

Nóvoa, A. (1991). *Formação de professores e profissão docente*. Obtido em 23 de junho de 2014, de Universidade de Lisboa: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf

Oliveira, T. K. (2009). *Desmotivação: um fator negativo na prática do professor*. Obtido em 3 de junho de 2014, de Revista Senso Comum: http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCcQFjAA&url=http%3A%2F%2Fsenso comum.xanta.org%2Findex.php%2Frevista%2Farticle%2Fdownload%2F12%2F11&ei=GKWNU8-9FaSa0AXz84H4Bg&usg=AFQjCNEPueHnL-HedkU_jzTKC3S4rMPyDQ&bvm=bv.68191837,d.bGQ

Oliveira, V. G., & Porrozi, R. (Janeiro de 2009). *Possibilidades e limitações da informática na educação*. Obtido em 27 de junho de 2014, de Revista Praxis: <http://web.unifoa.edu.br/praxis/numeros/01/51.pdf>

Osório, A. (novembro de 2011). *Tecnologias de informação e comunicação e educação inclusiva de todas as crianças*. Obtido em 4 de junho de 2014, de A acessibilidade de recursos educativos

digitais - Ministério da Educação e da Ciência:
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18081/1/TICEducacaoInclusiva.pdf>

Papert, S. (1980). *Children, Computers and Powerful Ideas*. New York: Basic Books.

Papert, S. (1997). *A família em rede*. Lisboa: Relógio D'água Editores.

Prensky, M. (2001). *Digital Natives, Digital Immigrants Part 1*.

Prensky, M. (2009). *H. Sapiens digital: From digital immigrantys and digital natives to digital wisdom*. Obtido de

<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=eric&AN=EJ834284&site=ehost-live&scope=site>

Prensky, M. (2013). *Our brains*. Obtido de
<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=85833626&site=ehost-live&scope=site>

Projeto Educativo 2009-2013 da Escola Secundária com 3º Ciclo Bernardino Machado. (s.d.). Obtido em 24 de outubro de 2013, de
<http://www.aefigueiramar.pt/site/images/pdfbm/201213/docsorientadores/ProjEduc2009-13.pdf>

Rubin, J. (2008). *Handbook of Usability Testing*. Indianapolis, Indiana: Wiley Publishing.

Sá, E. (2010). Revista Modakids. *Revista Semestral - N°18*.

Sarmiento, T., & Freire, I. (2012). Making School Happen: Children-Parent-Teacher Collaboration as A Practice of Citizenship. *Education Sciences*, pp. 106-120.

Sousa, M. M., & Sarmiento, T. (2010). Escola-Família-Comunidade: uma relação para o sucesso educativo. *Revista Gestão e Desenvolvimento*. pp. 141-156.

Teixeira, S. d. (Novembro de 2013). *Recursos digitais no jardim de infância: a narrativa digital para promover multiliteracias*. Obtido de Universidade do Minho:
<http://www.nonio.uminho.pt/manualdigital/evento/wp-content/uploads/2013/10/REDAC-02.pdf>

Valente, A. L. (março de 2011). *Integração das TIC na educação: o caso do Squeak Etoys*.
Obtido em 30 de junho de 2014, de Universidade do Minho:
http://repositorium.sdum.uminho.pt/xmlui/bitstream/handle/1822/14206/TeseDout_LuisValente_2011.pdf?sequence=1

Velázquez, A. A. (outubro de 2013). *Brincar de internet: A vivência lúdica infantil em ambiente virtual*. Braga, Portugal: Universidade do Minho.